

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**

RAFAEL RODRIGUES DA SILVA

**Herança Africana e Comunicação Museológica: Uma Análise do Museu da Inconfidência e da
Mina Du Veloso em Ouro Preto**

OURO PRETO, 2026

RAFAEL RODRIGUES DA SILVA

Herança Africana e Comunicação Museológica: Uma Análise do Museu da Inconfidência e da Mina Du Veloso em Ouro Preto

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Museologia da Escola de Direito e Turismo, vinculado ao Departamento de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Museologia.

OURO PRETO, 2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586h Silva, Rafael Rodrigues da.

Herança africana e comunicação museológica [manuscrito]: uma análise do Museu da Inconfidência e da mina Du Veloso em Ouro Preto. / Rafael Rodrigues da Silva. - 2026.
54 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Karlla Kamylla Passos.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Museologia .

1. Comunicação em museus. 2. Patrimônio cultural. 3. Cultura afro-brasileira - Reformadores sociais. 4. Museu da Inconfidência. 5. Minas e recursos minerais - Du Veloso (Mina). I. Kamylla Passos, Karlla. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 069

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Rafael Rodrigues Da Silva

Herança Africana e Comunicação Museológica: Uma Análise do Museu da Inconfidência e da Mina Du Veloso em Ouro Preto

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Museologia

Aprovada em 27 de julho de 2026

Membros da banca

Doutora - Karlla Kamylla Passos - Orientadora (DEMUL/UFOP)
Doutora - Ranielle Menezes de Figueiredo - (DEMUL/UFOP)
Mestre - Sidnéa Francisca Santos - (UFOP)
Mestre - Inah Irenam Oliveira da Silva - (UFBA)

Karlla Kamylla Passos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 07/09/2026



Documento assinado eletronicamente por **Karlla Kamylla Passos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/09/2026, às 18:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1190095** e o código CRC **04584305**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a força e a coragem de minha mãe, dona Sirlei, que por muitos anos lutou com muito suor para criar seus três filhos, sendo eu o mais caçula e o primeiro a estar me formando em um curso superior. O terceiro a entrar em uma graduação nas duas famílias, de pai e de mãe, e o primeiro em uma Universidade Federal. Essa mulher que foi desde bater de porta em porta com enormes sacolas de roupa para vender, até ser doméstica para dar o sustento à família. Hoje, quando adulto, paro e reflito sobre o poder que isso tem na minha vida e sobre o que me constrói como homem que vê nela a maior força e a maior inspiração. Também ao meu pai, seu Geraldo (in memoriam), que a vida toda batalhou para dar o melhor para seus filhos; mesmo que sua vida tenha sido diminuída pelas causas da vida, manteve-se firme. Ensinou-me a ser cabeleireiro como ele, ensinou-me a trabalhar na obra, a pintar, a mexer com as coisas cotidianas da casa, esteve sempre perto quando podia. Mesmo na memória, te vejo como exemplo e continuo a buscar te honrar em vida. Hoje, com o fruto dos seus esforços, me formei, e ainda há um longo caminho para construir novas etapas e mostrar para vocês que terão orgulho daquilo que começaram lá atrás. Agradeço aos meus irmãos Rômulo e Paloma por estarem sempre lá; mesmo que com meu jeitinho meio de longe, vocês nunca me abandonaram e sempre estarão comigo.

Para finalizar, quero agradecer aos amigos e amigas que fiz durante a graduação e que foram muito importantes em todo o processo e, claro, à República Xiboca, que foi minha morada e que me acolheu, e a todos que passaram por ela junto comigo, além da minha grande companheira de Museologia, a Sabrina, que esteve comigo nos piores e melhores momentos do curso. Aos meus amigos e amigas da minha cidade Betim, que sempre me incentivaram e sempre foram uma inspiração para minha formação, já que só faltava eu, né, amigos?

Agradeço ao Colegiado de Museologia, aos professores que me suportaram durante estes anos. Sei que fui uma pessoa bastante eufórica e, às vezes, muito incômoda, mas a paciência de vocês foi importante para o meu amadurecimento. Agradeço a Universidade Federal de Ouro Preto, por me acolher e servir com excelência a educação pública. E, por fim, a todos os funcionários do prédio da EDTM, com os quais fiz muitas amizades e companhias ao longo deste percurso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pichação na fachada lateral do Museu da Inconfidência de Ouro Preto	10
Figura 2 - Igreja São Francisco de Assis, projetada por Aleijadinho e finalizada no ano de 1771 em Ouro Preto, Minas Gerais	14
Figura 3 – Fachada do Museu da Inconfidência, sede do Panteão dos Inconfidentes	21
Figura 4 - Fachada do centro de recepção e loja da Mina Du Veloso	25
Figura 5 – Interior da Mina Du Veloso	25
Figura 6 – Foto de uma das galerias que interligam câmaras (salões) com pilares de sustentação	34
Figura 7 - Atividade educativa/ mediação realizada na mina	37
Figura 8 – Exposição arte africana no Museu da Inconfidência	40
Figura 9 – Inauguração sala afro-brasilidades no Museu da Inconfidência	42
Figura 10 - Obras e objetos expostos na Sala Afro-brasilidades do Museu da Inconfidência	44

SUMÁRIO

Introdução	7
Objetivo geral	11
Objetivos específicos	11
Estrutura dos capítulos	11
Capítulo 1: Museologia e Memória – Espaços de Transformação e o Contexto Cultural de Ouro Preto	13
1.1 Contexto Histórico da cidade de Ouro Preto	13
1.2 O processo de tombamento, a preservação do patrimônio e a cultura de Ouro Preto	16
Capítulo 2: O Museu da Inconfidência e a Mina Du Veloso – Espaços Históricos de Comunicação Social e Transformação Cultural	21
2.1 Museu da Inconfidência	21
2.2 Mina Du Veloso	23
Capítulo 3: Comunicação Museológica e Expografia: fundamentos teóricos Pesquisa de Campo, a partir das Exposições, Educativo e Ações Afirmativas	29
3.1 Comunicação museológica e expografia: fundamentos teóricos	29
3.2 Comunicação Museológica e Expografia na Mina Du Veloso	33
3.3 Comunicação Museológica e Representação da Presença Africana no Museu da Inconfidência	38
3.4 Comparação entre as estratégias de comunicação museológica do Museu da Inconfidência e da Mina Du Veloso	43
Museografia e Discurso:	43
Projeto Educativo:	45
Considerações finais	47
Referências	50

Resumo

A pesquisa analisa as formas de representação e comunicação da presença africana em dois espaços patrimoniais de Ouro Preto (MG): o Museu da Inconfidência e a Mina Du Veloso. Partindo da compreensão de que os museus e os processos de patrimonialização não são neutros, resultam de escolhas institucionais e disputas de memória. O estudo buscou compreender como diferentes estratégias museológicas, expográficas e educativas influenciam a construção das narrativas sobre a população negra na história local. A investigação teve como objetivo analisar de que maneira esses espaços comunicam e representam as contribuições africanas e afro-brasileiras para a formação histórica, cultural e econômica da cidade. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, fundamentada principalmente em revisão bibliográfica e documental. Foram consultados livros, artigos científicos, documentos institucionais, catálogos de exposições e produções acadêmicas relacionadas à museologia, patrimônio cultural, memória social, afroturismo e presença africana em Ouro Preto. Complementarmente, foram realizadas visitas técnicas aos espaços investigados, com observação dos elementos expográficos, das estratégias comunicacionais e das formas de mediação adotadas pelas instituições. Os resultados evidenciaram que o processo de patrimonialização de Ouro Preto foi historicamente marcado pela valorização de narrativas associadas à Inconfidência Mineira e ao patrimônio colonial, enquanto as contribuições africanas permaneceram, por longos períodos, em posição secundária. Verificou-se que o Museu da Inconfidência tem apresentado movimentos de ampliação dessas narrativas, especialmente por meio da criação da Sala Afro-brasilidades, inaugurada em 2025. Em contrapartida, a Mina Du Veloso desenvolve uma proposta comunicacional centrada na valorização da inteligência africana, das memórias comunitárias e da experiência territorial como elementos fundamentais para a interpretação do patrimônio minerário. Conclui-se que ambos os espaços apresentam estratégias distintas de comunicação museológica, mas contribuem para ampliar o debate sobre memória, patrimônio e representatividade. A pesquisa permite observar a necessidade de construção de narrativas patrimoniais mais plurais e inclusivas, capazes de reconhecer o protagonismo histórico, cultural e tecnológico das populações africanas e afro-brasileiras na formação de Ouro Preto e, consequentemente do Brasil.

Palavras-chave: Comunicação museológica; Patrimônio cultural; Afro-brasilidades; Museu da Inconfidência; Mina Du Veloso.

Abstract

This research analyzes the forms of representation and communication of the African presence in two important heritage spaces in Ouro Preto (MG): the Inconfidência Museum and the Du Veloso Mine. Starting from the understanding that museums and heritage processes are not neutral, but result from institutional choices and disputes over memory, the study sought to understand how different museological, exhibition, and educational strategies influence the construction of narratives about the Black population in local history. The investigation aimed to analyze how these spaces communicate and represent African and Afro-Brazilian contributions to the historical, cultural, and economic formation of the city. The research is characterized as qualitative, exploratory, and descriptive in nature, based primarily on bibliographic and documentary review. Books, scientific articles, institutional documents, exhibition catalogs, and academic productions related to museology, cultural heritage, social memory, Afro-tourism, and the African presence in Ouro Preto were consulted. Additionally, technical visits were conducted to the investigated spaces, observing the exhibition elements, communication strategies, and forms of mediation adopted by the institutions. The results showed that the patrimonialization process of Ouro Preto was historically marked by the valorization of narratives associated with the Inconfidência Mineira (Minas Gerais Conspiracy) and colonial heritage, while African contributions remained, for long periods, in a secondary position. It was found that the Inconfidência Museum has shown movements to expand these narratives, especially through the creation of the Afro-Brazilian Room, inaugurated in 2025. In contrast, the Mina Du Veloso develops a communication proposal centered on the valorization of African intelligence, community memories, and territorial experience as fundamental elements for the interpretation of mining heritage. It is concluded that both spaces present distinct strategies of museological communication, but contribute to broadening the debate on memory, heritage, and representativeness. The research highlights the need to construct more plural and inclusive heritage narratives, capable of recognizing the historical, cultural, and technological protagonism of African and Afro-Brazilian populations in the formation of Ouro Preto and, consequently, of Brazil.

Keywords: Museum communication; Cultural heritage; Afro-Brazilian culture; Inconfidência Museum; Mina Du Veloso.

Introdução

Os museus exercem uma função analítica e pedagógica central na preservação, interpretação e difusão do patrimônio cultural, configurando-se como vetores de mediação de memórias e de legitimação de narrativas históricas. Recentemente, a historiografia e a museologia contemporâneas têm tensionado essas instituições a revisarem seus acervos e discursos, visando expandir a representatividade de segmentos sociais historicamente subalternizados. Nesse panorama, a incorporação e a ressignificação das matrizes culturais africanas e afrodescendentes consolidam-se como desafios estruturais para as práticas curatoriais, sobretudo em complexos urbanos cuja formação socioeconômica foi estruturada pelo sistema escravista.

Ouro Preto representa um exemplo emblemático desse debate. Reconhecida por sua relevância histórica e patrimonial, a cidade possui uma trajetória profundamente vinculada ao trabalho de populações africanas escravizadas, responsáveis por parcela significativa da produção econômica, das técnicas minerárias e das manifestações culturais que marcaram a antiga Vila Rica. Entretanto, a forma como essas contribuições têm sido representadas nos espaços museológicos, na atualidade, ainda suscita questionamentos acerca da visibilidade concedida aos saberes e experiências africanas nas narrativas institucionais.

Tal debate revela uma tensão narrativa presente nos espaços de memória de Ouro Preto. De um lado, permanecem discursos historicamente associados à valorização das elites coloniais, dos grandes acontecimentos políticos e dos personagens consagrados pela historiografia oficial; de outro, emergem iniciativas voltadas ao reconhecimento das contribuições africanas para a constituição econômica, social e cultural da cidade. Essa disputa entre diferentes formas de representar o passado indica que os museus participam ativamente da seleção, da organização e da comunicação de determinadas memórias, enquanto outras permanecem em segundo plano nas narrativas institucionais.

É nesse contexto que se inserem o Museu da Inconfidência e a Mina Du Veloso, instituições que materializam perspectivas distintas acerca da presença africana na história local. À luz do exposto, esta pesquisa parte da hipótese de que o Museu da Inconfidência e a Mina Du Veloso comunicam a presença africana por meio de estratégias museológicas distintas, influenciadas por suas diferentes trajetórias institucionais, objetivos, acervos e formas de mediação. Considera-se que ambas as instituições apresentam potencialidades e limites na construção de narrativas sobre a participação africana na formação histórica de Ouro Preto, cabendo à análise comparativa compreender de que maneira essas diferenças se

manifestam nos processos de comunicação museológica.

Parte-se da expectativa de que a análise das exposições e das práticas educativas dessas instituições revele diferentes formas de construção da memória social. Supõe-se que a Mina Du Veloso, ao centrar sua comunicação nos espaços de trabalho, nos saberes técnicos e nas experiências da população negra, seja capaz de reativar memórias historicamente invisibilizadas e reafirmar a centralidade dos conhecimentos africanos na constituição da riqueza e da história de Ouro Preto. Sob essa conjectura, a pesquisa busca compreender se a musealização de um espaço marcado pela opressão pode, paradoxalmente, converter-se em instrumento de valorização patrimonial e de construção de narrativas descolonizadoras.

Sob essa perspectiva, a expografia ocupa um papel central como linguagem comunicacional. A disposição espacial dos objetos, os recursos visuais, sonoros e textuais, bem como as estratégias narrativas adotadas, influenciam diretamente a maneira como o público interpreta a exposição. Esses elementos vão além da dimensão estética e participam da construção do discurso museológico. Para Cury (2012), a exposição deve ser compreendida como um sistema de significação, no qual cada elemento comunica intencionalidades e valores, podendo tanto reforçar narrativas hegemônicas quanto promover leituras críticas e inclusivas do patrimônio. A compreensão da exposição como linguagem comunicacional aproxima-se das discussões propostas pela Nova Museologia, movimento que passou a defender uma atuação mais participativa e socialmente comprometida dos museus.

A Nova Museologia consolidou-se a partir das discussões internacionais sobre o papel social dos museus, especialmente após a Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), ao defender instituições mais participativas, comprometidas com as comunidades e voltadas para a valorização do patrimônio em sua dimensão social e cultural (Varine, 2013; Chagas, 2015). Seus princípios, como o "museu integral" e a "museologia ativa", propõem uma ruptura com modelos tradicionais centrados na conservação dos acervos, privilegiando processos dialógicos, participação comunitária e a construção coletiva de narrativas.

Os princípios da Nova Museologia contribuíram para ampliar os debates acerca da representatividade, da participação social e da democratização das narrativas patrimoniais. Entretanto, a efetivação desses princípios permanece como um desafio em diversas instituições culturais, especialmente naquelas marcadas por narrativas historicamente consolidadas. As tensões relacionadas à representatividade da população negra nos espaços de memória de Ouro Preto podem ser observadas não apenas nos debates acadêmicos e museológicos, mas também em manifestações públicas que questionam os processos de construção da memória oficial. Nesse contexto, a Figura 1 apresenta uma intervenção

realizada na fachada lateral do Museu da Inconfidência, evidenciando reivindicações sociais relacionadas à visibilidade das narrativas negras e à ampliação da representatividade afro-brasileira nos processos de patrimonialização e comunicação museológica.

Figura 1 - Pichação na fachada lateral do Museu da Inconfidência de Ouro Preto



Fonte: Klock (2017)

A intervenção registrada na Figura 1 pode ser interpretada como uma manifestação simbólica de questionamento às narrativas historicamente legitimadas pelos espaços patrimoniais. Além de representar um ato isolado, a inscrição permite observar disputas em torno da memória coletiva e do reconhecimento da participação da população negra na formação histórica de Ouro Preto, reforçando a necessidade de reflexões acerca da pluralidade de vozes representadas nos processos museológicos contemporâneos.

Considerando esse contexto, analisar a comunicação museológica implica compreender os museus não apenas como espaços de preservação, mas como instâncias produtoras de discursos sociais, atravessadas por relações de poder, disputas simbólicas e processos de legitimação cultural. Como destaca Chagas (2003), o museu é também um campo de tensão, onde memórias são selecionadas, organizadas e, por vezes, silenciadas. Assim, investigar as estratégias comunicacionais adotadas pelas instituições museais de Ouro Preto permite evidenciar de que maneira essas práticas contribuem para a manutenção ou a problematização das narrativas históricas estabelecidas.

Objetivo geral

Analisar as representações e comunicações das heranças africanas nas narrativas

museológicas do Museu da Inconfidência e a Mina Du Veloso.

Objetivos específicos

- Compreender o processo de formação histórica, patrimonial e cultural de Ouro Preto, destacando a participação das populações africanas na constituição da cidade;
- Investigar de que maneira a linguagem expográfica e as ações museológicas dessas instituições contribuem para a valorização, o silenciamento e/ou a resignificação das heranças africanas presentes na história local.
- Analisar comparativamente as exposições, práticas educativas e estratégias de comunicação desenvolvidas pelo Museu da Inconfidência e pela Mina Du Veloso;
- Identificar aproximações, diferenças e potencialidades para a construção de discursos mais inclusivos e descolonizadores sobre a história de Ouro Preto;

Para alcançar os objetivos propostos, adotou-se uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, fundamentada em revisão bibliográfica, pesquisa documental e trabalho de campo. A revisão bibliográfica contemplou livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos institucionais relacionados à Museologia, ao patrimônio cultural, à memória social, à comunicação museológica e à presença africana em Ouro Preto. A etapa de campo consistiu na realização de visitas técnicas ao Museu da Inconfidência e à Mina Du Veloso, durante as quais foram observados aspectos relacionados à organização expográfica, às narrativas expositivas, às ações educativas, aos recursos comunicacionais e às estratégias de mediação adotadas pelas instituições. As observações foram registradas por meio de anotações de campo e documentação fotográfica, sendo posteriormente confrontadas com o referencial teórico, permitindo a construção de uma análise comparativa entre os dois espaços investigados.

Estrutura dos capítulos

Além desta introdução, o trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro apresenta o contexto histórico e patrimonial de Ouro Preto, discutindo sua formação social, os processos de preservação da memória e a participação das populações africanas na constituição da cidade. O segundo capítulo dedica-se à caracterização do Museu da Inconfidência e da Mina Du Veloso, abordando seus percursos históricos, suas funções culturais e suas relações com a construção das narrativas sobre o passado local. O terceiro capítulo desenvolve a análise da comunicação museológica, da expografia, das práticas

educativas e das ações afirmativas observadas nas duas instituições, buscando compreender como esses espaços representam e comunicam as heranças africanas ao público visitante. Por fim, apresentam-se as considerações finais, nas quais são retomadas as principais discussões e reflexões produzidas ao longo da pesquisa.

Capítulo 1: Museologia e Memória – Espaços de Transformação e o Contexto Cultural de Ouro Preto

O presente capítulo estabelece o referencial histórico e patrimonial que fundamenta as análises desenvolvidas ao longo da pesquisa. Inicialmente, discute-se o processo de formação de Ouro Preto, destacando sua constituição econômica, social e cultural, bem como a participação das populações africanas na construção da cidade. Em seguida, são examinados os processos de patrimonialização, preservação e valorização da memória local, evidenciando como determinadas narrativas históricas foram institucionalizadas ao longo do tempo e de que maneira as discussões contemporâneas têm ampliado o reconhecimento das contribuições africanas para o patrimônio cultural ouro-pretano.

1.1 Contexto Histórico da cidade de Ouro Preto

Ouro Preto, antiga Vila Rica, consolidou-se como um dos principais centros urbanos do Brasil colonial durante o chamado Ciclo do Ouro, período compreendido entre o final do século XVII e o século XVIII, marcado pela intensa exploração aurífera na região das Minas Gerais.

Fundada oficialmente em 1711, a cidade rapidamente se tornou o epicentro da mineração aurífera, atraindo uma população diversificada formada por colonizadores portugueses, africanos escravizados e seus descendentes, além de comerciantes, artesãos e outros trabalhadores livres provenientes de diferentes regiões da colônia portuguesa. A riqueza gerada pela mineração permitiu o florescimento de uma arquitetura barroca singular (Figura 2), com igrejas suntuosas e casarões imponentes que, na contemporaneidade, constituem parte significativa do patrimônio cultural da cidade (Furtado, 2007).

Figura 2 - Igreja São Francisco de Assis, projetada por Aleijadinho e finalizada no ano de 1771 em Ouro Preto, Minas Gerais



Fonte: Pointer (2019)

Esse desenvolvimento urbano e arquitetônico refletia a prosperidade econômica da região e, ao mesmo tempo, uma complexa dinâmica social marcada pela exploração do trabalho escravo e por uma rígida estratificação. Além de transformar a paisagem urbana, a mineração inseriu Ouro Preto no centro de importantes acontecimentos políticos que contribuíram para consolidar sua relevância histórica no cenário nacional (Gomes, 2015).

A Inconfidência Mineira, movimento de caráter separatista que eclodiu em 1789, é um marco fundamental na história local. Liderado por figuras como Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, o movimento buscava a independência de Minas Gerais em relação à Coroa Portuguesa, motivado pela insatisfação com os altos impostos e a exploração colonial. Apesar de sua derrota e da execução de Tiradentes em 1792, a Inconfidência Mineira foi posteriormente ressignificada como símbolo da luta pela liberdade e da identidade nacional brasileira, especialmente nas primeiras décadas da República brasileira, durante o período republicano, entre 1889-1930. (Hosbawm, 1983; Souza, 2010).

Essa ressignificação ocorreu durante o processo de construção de uma narrativa histórica voltada à consolidação dos ideais de independência e de republicanismo. Nesse processo, determinados grupos sociais e experiências históricas receberam maior destaque que

outros, produzindo leituras do passado que privilegiaram personagens associados às elites coloniais e relegaram a segundo plano a participação de populações negras e indígenas na formação da sociedade mineira (Furtado, 2007).

A transformação de Ouro Preto em uma cidade patrimônio tem tudo a ver com a forma como a Inconfidência Mineira foi colocada no pedestal de marco zero da identidade nacional. Essa engrenagem começou a girar forte no governo de Getúlio Vargas (1930–1945), época em que a cidade foi promovida a símbolo do país; um projeto que ganhou corpo em 1944 com a inauguração do Museu da Inconfidência. Todavia, desde sua criação, o Museu da Inconfidência estruturou sua narrativa expositiva em torno da valorização dos líderes da Inconfidência Mineira. O resultado disso foi a consolidação de uma memória nacional muito voltada para as elites da época colonial, o que, infelizmente, acabou empurrando para as margens a participação e a força das populações negras e indígenas nessa história (Furtado, 2007; Gomes, 2015).

Essa narrativa, no entanto, vem sendo questionada e revisada nas últimas décadas, com o reconhecimento do papel fundamental dos africanos e seus descendentes na formação socioeconômica da região. Nesse sentido, a criação e a permanência da exposição de longa duração do Museu da Inconfidência merecem reflexão. Inaugurada em meados do século XX, no ano de 1944, a exposição estruturou-se em torno de dois eixos principais: a narrativa heroica da Inconfidência e a exaltação da arte e do mobiliário colonial luso-brasileiro. Por décadas, essa montagem perpetuou uma visão eurocêntrica, na qual a presença negra era representada de forma subalterna, associada a instrumentos de suplício ou inserida genericamente em cenas de cotidiano, sem protagonismo histórico ou reconhecimento intelectual.

Somente em 5 de julho de 2025, o Museu inaugurou a Sala Afro-brasilidades, um espaço permanente dedicado à cultura e à história afro-brasileiras, abrigando obras de artistas como Tadeu Bandeira, pesquisador e artista dedicado à valorização das matrizes africanas; Célio de Faria, reconhecido por sua produção voltada à cultura popular brasileira; e José Valentim Rosa, artista cuja obra dialoga com identidades afro-brasileiras e memória social.

Mesmo tardia, a iniciativa contribui para enfrentar lacunas históricas presentes na narrativa institucional do Museu. Ao deslocar o foco de uma África distante, frequentemente representada por meio de artefatos descontextualizados, para as múltiplas expressões das afro-brasilidades, a exposição promove uma aproximação entre patrimônio, memória e experiência social. Mais do que ampliar a representatividade, a sala afro-brasilidades sinaliza um movimento de revisão crítica do discurso museológico tradicional, reconhecendo a

população negra não apenas como força de trabalho na construção da sociedade colonial, mas como agente histórico, produtor de conhecimento, cultura e identidade na formação de Ouro Preto e do Brasil.

1.2 O processo de tombamento, a preservação do patrimônio e a cultura de Ouro Preto

O esgotamento das minas de ouro ao final do século XVIII levou Ouro Preto a uma crise econômica que se agravou no século XIX, com seu clímax em 1897 com a transferência da capital mineira para Belo Horizonte. Com isso, a cidade perdeu status político e econômico, entrando em um período de relativa estagnação e isolamento, que se prolongou nas primeiras décadas do século XX.

Foi somente na década de 1920 que Ouro Preto voltou a despertar interesse em escala nacional, com a visita de intelectuais modernistas, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, durante a chamada “Viagem Modernista”, conhecida como uma série de viagens realizadas por intelectuais brasileiros para conhecer e valorizar o patrimônio histórico e cultural do país. Encantados com a arquitetura colonial e o barroco mineiro, esses artistas ajudaram a reposicionar a cidade no cenário cultural brasileiro, ressignificando-a como um dos principais símbolos da identidade histórica e cultural nacional. O reconhecimento promovido por esses intelectuais exerceu influência direta sobre as políticas de preservação que seriam implementadas nas décadas seguintes.

A partir da década de 1930, iniciativas de preservação ganharam força em Ouro Preto. Em 1931, o prefeito da cidade, João Batista Ferreira Veloso (1931–1935), emitiu um decreto voltado à preservação das fachadas dos edifícios históricos. Pouco tempo depois, em 1933, Ouro Preto foi declarada Monumento Nacional e, em 1938, foi oficialmente tombada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O tombamento, instrumento legal destinado à proteção de bens considerados relevantes para a memória e para a cultura nacional, foi fortemente influenciado pelos ideais do movimento modernista brasileiro, que buscava valorizar as raízes históricas e culturais do país. Nesse contexto, intelectuais como Mário de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade desempenharam papel fundamental na defesa da preservação do patrimônio ouro-pretano. Assim, mais do que garantir a conservação de seu conjunto arquitetônico, o reconhecimento de Ouro Preto estabeleceu importantes referências para as políticas patrimoniais brasileiras, influenciando posteriormente a proteção de outras cidades históricas, como Olinda, Goiás e Diamantina (Andrade, 1937).

Na década de 1970, Ouro Preto começou a se reinventar como polo turístico e cultural, com a criação da Secretaria de Turismo e Cultura em 1973. O ápice do reconhecimento ocorreu em 1980, quando a cidade foi declarada Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), consolidando-a como símbolo da história colonial brasileira.

Embora esses processos tenham sido fundamentais para a preservação do patrimônio ouro-pretano, eles também suscitam reflexões sobre os critérios que orientaram a seleção das memórias consideradas dignas de preservação. Nesse contexto, é pertinente lembrar a reflexão de Mário de Andrade (1917), expressa na formulação: “Há uma gota de sangue em cada museu”¹.

Nesse sentido, mostra-se relevante a se observar que os museus e os processos de patrimonialização não são neutros, mas atravessados por conflitos, disputas de memória e, muitas vezes, por violências simbólicas/silenciosas. Nesse prisma, volta-se a compreender que o tombamento em Ouro Preto, ao mesmo tempo em que preservou um conjunto arquitetônico excepcional, também cristalizou uma narrativa específica, que privilegiou os monumentos, igrejas e edificações associados às elites coloniais, em detrimento das memórias vivas e dos saberes imateriais das comunidades negras e populares. Essa seleção do que merece ser lembrado e conservado reflete, nas palavras de Andrade, as “gota(s) de sangue” que permeiam a construção do patrimônio oficial.

Em resposta a essas assimetrias representacionais, emergiram abordagens teóricas que reconfiguraram as categorias de patrimônio e museu. As críticas direcionadas aos modelos tradicionais de patrimonialização encontram fundamentação nos pressupostos da Nova Museologia (Bruno, 2014), corrente que expandiu o conceito de patrimônio para além da dimensão estritamente monumental e material, integrando as esferas sociais, culturais e comunitárias. Sob essa ótica, o patrimônio abdica de sua condição de acervo estático de remanescentes do passado e assume o estatuto de processo social dinâmico. Essa mudança paradigmática pressupõe a agência comunitária, a salvaguarda do patrimônio imaterial e o alinhamento das práticas museais a uma função social transformadora.

¹ A frase original, “Há uma gota de sangue em cada poema”, foi dita pelo escritor Mário de Andrade em 1917, em seu livro de estreia, ‘Há uma gota de sangue em cada poema’, 1917. Todavia, a formulação amplamente difundida no campo museológico contemporâneo foi posteriormente retomada e reinterpretada por Mário Chagas, especialmente a partir da década de 1990, em seus estudos sobre memória, patrimônio e museologia social, no qual, criou a expressão parafraseando Mário de Andrade ao publicar sua dissertação de mestrado, defendida em 1999, que mais tarde virou o livro, ‘Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade’, 2015. Por sua vez, neste trabalho, opta-se por preservar a referência ao pensamento original de Mário de Andrade, reconhecendo, contudo, a relevante contribuição de Chagas para sua atualização e difusão no debate museológico brasileiro.

A consolidação dessa perspectiva no Brasil foi acompanhada por importantes transformações nas políticas culturais e patrimoniais. A Constituição Federal de 1988 ampliou o conceito de patrimônio cultural ao reconhecer bens de natureza material e imaterial, valorizando a diversidade dos grupos formadores da sociedade brasileira. Nas décadas seguintes, iniciativas como a Política Nacional de Museus (2003), a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), em 2009, e o fortalecimento de programas voltados à participação social contribuíram para reafirmar a função social dos museus e estimular a construção de narrativas mais plurais e inclusivas. Nesse contexto, as discussões sobre representatividade, memória e reconhecimento de grupos historicamente marginalizados passaram a ocupar posição cada vez mais relevante no campo museológico, influenciando processos de revisão curatorial e de comunicação patrimonial.

A preservação do patrimônio de Ouro Preto, no entanto, não se limitou à arquitetura barroca e aos símbolos da Inconfidência Mineira. Ao longo do século XX, a cidade passou por um processo de revalorização também de suas minas históricas, que haviam sido abandonadas após o declínio da mineração no século XIX. Essas minas, outrora espaços de exploração e sofrimento, foram transformadas em locais de visitação turística e educativa, destacando-se a Mina Du Veloso. Essa transformação reflete uma mudança na percepção do patrimônio, que passou a incluir, além dos monumentos e edifícios, os espaços de trabalho e as memórias das populações africanas que contribuíram diretamente para a construção da riqueza colonial (Paiva, 2002; Martins; Moita, 2018).

Transformar museus em espaços de memória exige mais do que revisar acervos e exposições. Esse processo envolve a adoção de práticas museológicas e culturais mais inclusivas e participativas, capazes de aproximar as comunidades da construção e da transmissão do conhecimento.

Nesse processo, merece destaque a Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica. Embora direcionada ao campo educacional, a legislação produziu impactos que extrapolam o ambiente escolar, fortalecendo debates sobre memória, patrimônio, representatividade e valorização das contribuições das populações negras na formação da sociedade brasileira. Nesse contexto, os museus passaram a ser reconhecidos também como espaços educativos capazes de colaborar com a construção de narrativas mais plurais, favorecendo o diálogo entre patrimônio cultural, educação e justiça histórica.

Em Ouro Preto, os museus assumem uma função que ultrapassa a preservação de acervos, constituindo-se como espaços de memória e transformação, onde narrativas

históricas são constantemente revisitadas, reinterpretadas e ressignificadas. Essa dinâmica é particularmente relevante em um contexto em que as memórias das populações africanas, por muito tempo marginalizadas, começam a ganhar visibilidade e reconhecimento (Gonçalves, 2007; Bruno, 2014).

Essa compreensão também exige reconhecer que o próprio patrimônio material de Ouro Preto é resultado da atuação de diferentes grupos sociais, entre os quais se destacam as populações africanas e afro-brasileiras. Os conhecimentos técnicos trazidos por esses sujeitos, especialmente nas áreas da mineração, da metalurgia, da cantaria, da construção civil e de outras atividades especializadas, contribuíram significativamente para a conformação da paisagem urbana e arquitetônica que hoje constitui um dos mais importantes conjuntos patrimoniais do país. Assim, valorizar esse patrimônio implica reconhecer não apenas os bens preservados, mas também os saberes, as técnicas e o trabalho daqueles que participaram diretamente de sua construção, ainda que por muito tempo tenham permanecido à margem das narrativas oficiais.

A historiografia tem demonstrado que muitos africanos trazidos para Minas Gerais possuíam experiências e conhecimentos adquiridos em diferentes regiões do continente africano, especialmente em atividades relacionadas à mineração, ao beneficiamento de metais, à construção e ao manejo de técnicas produtivas. Esses saberes foram fundamentais para o desenvolvimento da economia mineradora e para a consolidação de práticas que contribuíram para a configuração material e cultural de Ouro Preto. Reconhecer essas contribuições significa ampliar a compreensão sobre a formação histórica da cidade, deslocando o olhar de uma narrativa centrada exclusivamente no trabalho compulsório para outra que também permite observar os conhecimentos, as habilidades técnicas e o protagonismo desses sujeitos na construção do patrimônio hoje preservado.

As disputas de memória presentes nos processos de patrimonialização de Ouro Preto tornam-se particularmente visíveis no Museu da Inconfidência. Instituído originalmente com a prerrogativa de celebrar a Inconfidência Mineira e suas lideranças, o museu atuou como vetor de consolidação de uma narrativa histórica alinhada aos pressupostos de unificação e identidade nacional brasileira. Paralelamente, sua trajetória institucional reflete os limites conceituais e as subsequentes mutações das políticas patrimoniais ao longo do tempo. Nas décadas recentes, a instituição tendeu a absorver novas correntes interpretativas, expandindo o escopo curatorial voltado à pluralidade cultural e às trajetórias de segmentos sociais historicamente sub-representados em seu circuito expositivo (Furtado, 2007; Gomes, 2015). Desse modo, o caso exemplifica como os mecanismos de preservação e extroversão

patrimonial permanecem como instâncias de constante revisão e negociação política.

A Mina Du Veloso, reaberta como espaço musealizado em 2014, é outro exemplo significativo. Ao contrário dos museus tradicionais, que muitas vezes privilegiam objetos e documentos, a Mina Du Veloso oferece uma experiência imersiva, onde os visitantes podem vivenciar as condições de trabalho e os saberes técnicos dos africanos escravizados. Esse enfoque permite uma compreensão mais profunda da história, conectando o passado ao presente e evidenciando experiências frequentemente ausentes dos discursos patrimoniais tradicionais (Paiva, 2002; Martins; Moita, 2018). Nesse sentido, a musealização da mina amplia a noção de patrimônio ao incorporar espaços de trabalho, experiências coletivas e memórias historicamente marginalizadas aos processos de preservação e comunicação cultural.

Além do legado material e técnico da mineração, a presença africana em Ouro Preto deixou marcas profundas na cultura local, manifestadas em práticas sociais, religiosas e festivas que continuam a moldar a identidade da cidade. Essas expressões culturais, enraizadas na diáspora africana, são fruto de processos de resistência, adaptação e ressignificação que permitiram a sobrevivência e a transformação de tradições africanas em contexto colonial e pós-colonial (Lody, 1995; Martins, 2010).

Essa abordagem epistemológica expande o próprio constructo de patrimônio cultural em Ouro Preto, ao postular que a salvaguarda da memória transcende a materialidade dos acervos e monumentos, englobando os saberes, as práxis e as experiências transmitidas intergeracionalmente. Sob esse prisma, os processos de patrimonialização passam a incorporar vetores socioculturais que viabilizam a apreensão da permanência e da ressignificação da herança africana no espaço urbano. Tal referencial teórico-conceitual fundamenta as incursões analíticas empreendidas nos capítulos subsequentes, nos quais se examinam as modalidades de representação e extroversão mnemônica operacionalizadas pelo Museu da Inconfidência e pela Mina do Veloso.

Capítulo 2: O Museu da Inconfidência e a Mina Du Veloso – Espaços Históricos de Comunicação Social e Transformação Cultural

Após a contextualização histórica e patrimonial apresentada no capítulo anterior, este concentra-se nos dois espaços investigados nesta pesquisa: o Museu da Inconfidência e a Mina Du Veloso. Busca-se compreender suas trajetórias institucionais, suas características museológicas e as diferentes formas pelas quais constroem, preservam e comunicam narrativas sobre a história de Ouro Preto. A análise desses espaços permite identificar aproximações e diferenças em suas propostas de representação da presença africana, constituindo a base para as discussões comparativas desenvolvidas no capítulo seguinte.

2.1 Museu da Inconfidência

A criação do Museu da Inconfidência (Figura 3) sintoniza-se diretamente com a engrenagem político-cultural do Estado Novo (1937–1945), conjuntura sob a égide de Getúlio Vargas que instrumentalizou a centralização estatal e a formulação de uma matriz discursiva de cunho nacionalista. Nesse contexto de refundação simbólica, o movimento inconfidente foi sistematicamente ressignificado como mito de origem da nacionalidade, de modo concomitante à hagiografia de Tiradentes, convertido em insígnia de civismo, sacrifício e coesão social. A institucionalização do Museu, em 1944, materializou esse projeto de salvaguarda patrimonial programática, operando como dispositivo ideológico voltado à consolidação de balizas mnemônicas constitutivas da identidade nacional brasileira.

Figura 3 – Fachada do Museu da Inconfidência, sede do Panteão dos Inconfidentes



Fonte: Veloso; Costa (2025)

A escolha do edifício que abriga o Museu também possui forte significado histórico e político. Instalado na antiga Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica, local onde diversos envolvidos na Inconfidência Mineira foi preso e julgado, o Museu foi concebido em um espaço já carregado de simbolismos relacionados à memória do movimento. A transformação desse edifício em instituição museal representou não apenas a preservação de um bem arquitetônico relevante, mas também a oficialização de uma determinada leitura do passado, na qual a Inconfidência Mineira assumia posição central na narrativa histórica nacional (Bruno, 2014). Em seu período formativo, o Museu da Inconfidência consolidou-se como um dispositivo de extroversão e legitimação da memória oficial. O arranjo de seu acervo e a estrutura de suas exposições de longa duração priorizavam a prosopografia² dos inconfidentes e as efemérides correlatas à conjuração de 1789, reiterando exegeses historiográficas alinhadas ao projeto de identidade nacional fomentado no decorrer do século XX. Conquanto essa diretriz curatorial tenha impulsionado a salvaguarda do patrimônio histórico nacional, resultou igualmente em uma representação restrita da dinâmica socioestratigráfica do período colonial. Consequentemente, produziu-se uma sub-representação das agências, saberes e trajetórias das populações africanas escravizadas, indígenas e demais segmentos subalternizados que integraram a formação sociohistórica das Minas Gerais (Furtado, 2008).

Ao longo das décadas seguintes, o Museu passou por transformações institucionais e museológicas que acompanharam mudanças mais amplas ocorridas no campo da Museologia. A ampliação do acervo, a realização de exposições temporárias e a criação de ações educativas contribuíram para diversificar as formas de comunicação com o público. A partir da década de 1980, em um contexto influenciado pelas discussões da Nova Museologia e pelos desdobramentos da Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972, fortaleceu-se a compreensão de que os museus deveriam ampliar sua função social, aproximando-se das comunidades e promovendo reflexões mais críticas sobre patrimônio, memória e cidadania (Santo, 2026). Nesse cenário, o setor educativo passou a assumir papel cada vez mais relevante na mediação entre acervo, exposição e público visitante (Araújo et al., 2014).

Além de sua relevância histórica, o Museu da Inconfidência integra a estrutura administrativa do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, responsável pela implementação de políticas públicas voltadas à preservação, pesquisa, comunicação e democratização do patrimônio museal brasileiro. Essa

² Embora a prosopografia seja uma metodologia consolidada na pesquisa histórica (Stone, 2011; Heinz, 2006), sua aplicação à análise de museus e exposições encontra respaldo em estudos que a empregam como ferramenta para compreender a construção de narrativas biográficas coletivas no espaço expositivo, sobretudo no que tange à formação de identidades nacionais (Alberti, 2005; Bennett, 2005).

vinculação institucional influencia diretamente a formulação de suas ações museológicas, educativas e curatoriais, que, nos últimos anos, passaram a dialogar de forma mais intensa³ com debates sobre diversidade, representatividade e inclusão social. Nesse contexto, iniciativas como a criação da Sala Afro-brasilidades podem ser compreendidas não apenas como decisões isoladas da Instituição, mas também como parte de um movimento mais amplo de atualização das políticas museológicas brasileiras e de revisão crítica das narrativas historicamente consolidadas (Brasil, 2009).

Atualmente, o Museu da Inconfidência desempenha papel na preservação, pesquisa e comunicação da memória relacionada à Inconfidência Mineira e a diferentes aspectos da história de Ouro Preto. Como discutido anteriormente, nos últimos anos a Instituição passou a incorporar iniciativas voltadas à ampliação das perspectivas interpretativas presentes no espaço museal, por meio de exposições, ações educativas e projetos que buscam conferir maior visibilidade a grupos historicamente pouco representados nas narrativas tradicionais. Entretanto, essas iniciativas não encerram os debates acerca da representatividade e da participação efetiva desses grupos na construção das narrativas museológicas. Ainda que sinalizem um movimento de revisão institucional, permanecem questionamentos sobre o protagonismo atribuído às populações negras e indígenas nos processos de elaboração, interpretação e comunicação de suas próprias histórias e memórias (Gomes, 2015). Por isso, o Museu da Inconfidência oferece um campo de análise para compreender como os processos de construção, preservação e comunicação da memória permanecem em constante disputa e negociação no contexto contemporâneo.

2.2 Mina Du Veloso

A transformação de antigas galerias de mineração em atrativos turísticos, intensificada a partir da década de 1990, constitui um fenômeno sociocultural relevante para a compreensão das dinâmicas patrimoniais de Ouro Preto. Este movimento transcende a mera expansão quantitativa da oferta turística, representando antes um esforço coletivo de ressignificação crítica do patrimônio. Ao abrir essas galerias à visitação, ativou-se um processo de disputa simbólica, no qual camadas históricas até então soterradas pelo discurso oficial começaram a emergir, demandando novos enquadramentos narrativos que contestassem o silenciamento secular sobre as condições e os agentes reais da produção da riqueza colonial.

³ Ver, por exemplo, a instituição do Grupo de Trabalho Antirracismo (Portaria Ibram nº 3.456/2025), a criação da Comissão para formulação da Política Nacional de Diversidade e Ações Afirmativas (Portaria Ibram nº 4.038/2026) e a Política Nacional de Educação Museal (Resolução Normativa Ibram nº 40/2025).

Para compreender essa transformação, é necessário recuperar a geografia turística hegemônica que a precedeu. Durante a maior parte do século XX, o turismo em Ouro Preto organizava-se de forma concentrada e monumental, tendo como epicentro o núcleo histórico onde se erguem igrejas barrocas, museus e solares coloniais (Araújo, 2014). Estes espaços corporificavam e propagavam uma narrativa específica, centrada na epopeia dos inconfidentes e na opulência material decorrente do ciclo do ouro. Nesta paisagem discursiva, as galerias de mineração, vestígios materiais brutos do processo extrativo que financiou tal opulência, ocupavam um lugar paradoxal: embora fisicamente impressas na serra que emoldura a cidade, permaneciam topograficamente e simbolicamente marginais. Eram, com frequência, estruturas degradadas, desconectadas dos roteiros oficiais, figurando como ruínas inertes em uma periferia tanto espacial quanto narrativa.

Esta marginalização não era acidental, mas sintomática de uma lógica mais ampla de organização do espaço e da memória. Como argumentam Viana, Brusadin e Brusadin (2022), a imagem turística consolidada de Ouro Preto foi edificada sobre uma profunda "fragmentação espacial e social". De um lado, o centro histórico, monumentalizado e patrimonializado, funcionava como vitrine de uma história glorificada e europeizada. De outro, as áreas periféricas da cidade, justamente onde se concentram os testemunhos materiais mais diretos da mineração setecentista, aquedutos, galerias, ruínas de lavras, eram (e em grande medida ainda são) territórios majoritariamente habitados pela população negra. Esta segregação socioespacial reproduzia, no presente, uma hierarquia histórica: o centro como *locus* da história reconhecida e celebrada; a periferia como depositária dos vestígios incômodos do trabalho escravizado, física e narrativamente apartados. A transformação dessas galerias em atrativos turísticos constitui, portanto, uma intervenção direta nesta geografia do poder, ao tentar reinscrever no mapa do turismo justamente os espaços e as histórias que este mapa tradicionalmente excluía.

O processo de transformação dessas galerias em atrativos formais deu-se de forma gradual e, em grande parte, por iniciativa de proprietários, moradores e empreendedores locais interessados em preservar esses espaços e inseri-los nos circuitos turísticos da cidade. Minas como a do Chico Rei, do Palácio Velho e da Passagem estiveram entre as primeiras a serem abertas à visitação, ainda na segunda metade do século XX. Elas oferecem ao visitante uma experiência de imersão no universo da mineração colonial, focando, contudo, em aspectos técnicos e na grandiosidade das escavações, sem necessariamente aprofundar a análise crítica sobre a mão de obra escravizada que as tornou possíveis. A narrativa, em muitos casos, ainda ecoava a historiografia tradicional, que subalternizava o papel do negro ao de mero executor

de tarefas braçais.

É neste cenário que emerge, em 2014, a Mina Du Veloso (Figuras 4 e 5). Sua inauguração representou um ponto de inflexão no modelo de visitação a esses espaços. Idealizada por moradores negros da comunidade, como Eduardo Evangelista Ferreira e Sidnéa Santos, a Mina Du Veloso foi concebida desde sua origem não apenas como um atrativo turístico, mas como um equipamento cultural e de lazer comprometido com uma narrativa afrocentrada. Como destaca Ribas (2022, resumo), a proposta era utilizar a Mina como um "facilitador ao acesso da população negra de Ouro Preto ao lazer", promovendo, através do turismo étnico, o resgate de uma história de contribuições intelectuais e tecnológicas.

Figura 4 - Fachada do centro de recepção e loja da Mina Du Veloso



Fonte: Diaspora Black (2023)

Figura 5 – Interior da Mina Du Veloso



Fonte: Diaspora Black (2023)

A fundamentação teórica para essa nova abordagem pode ser encontrada em trabalhos como o de Viana, Brusadin e Brusadin (2022), que analisam a presença de conhecimentos africanos nas estruturas remanescentes da mineração setecentista de Ouro Preto. Para os autores, elementos como galerias subterrâneas, aquedutos e mundéus não devem ser compreendidos apenas como vestígios materiais da atividade extrativa, mas também como expressões de saberes técnicos incorporados ao processo de exploração mineral. Nessa perspectiva, tais estruturas constituem evidências de um patrimônio industrial cuja construção envolveu conhecimentos historicamente pouco reconhecidos pelas narrativas tradicionais.

A Mina Du Veloso aproxima-se dessa interpretação ao utilizar o espaço minerário não apenas como objeto de visita, mas como instrumento de valorização das contribuições africanas para a formação econômica e tecnológica da região. Essa mudança de perspectiva produz efeitos importantes sobre a interpretação do patrimônio. Logo, desafia a leitura eurocêntrica do patrimônio ouro-pretano ao colocar os conhecimentos africanos no centro da história tecnológica da cidade. Além disso, como observa Ribas (2022), fortalece sentimentos de pertencimento e autoestima entre a população negra local. Ao oferecer visitas gratuitas para moradores e escolas públicas, bem como promover eventos culturais, oficinas e atividades educativas, a Mina Du Veloso busca ampliar o acesso da população local aos espaços de lazer e memória, fortalecendo sua inserção nas dinâmicas culturais da cidade.

Um entrevistado na pesquisa de Ribas afirma: "Eu acho que lá não é um espaço só de lazer, mas também de estudo e da valorização da cultura negra" (Ribas, 2022, p. 51). Esse

sentimento de acolhimento é apontado como condição essencial para o efetivo exercício do direito ao lazer por essa população.

A trajetória das minas de visitação em Ouro Preto, portanto, pode ser lida como um microcosmo das tensões e transformações na relação entre turismo, patrimônio e memória social. De atrativos complementares que reiteravam uma narrativa histórica hegemônica, algumas dessas minas, com destaque para a Mina Du Veloso, passaram a se constituir como espaços de descolonização do turismo. Elas atuam na preservação do patrimônio industrial mineiro, conforme defendem Viana, Brusadin e Brusadin (2022), ao mesmo tempo em que promovem novas leituras sobre sua relação com a resistência e as contribuições intelectuais africanas.

Apesar dos avanços observados, estudos recentes apontam limitações estruturais que ainda dificultam a consolidação dessas iniciativas. A falta de apoio governamental e de políticas públicas específicas para o afroturismo e para a preservação dessas estruturas na periferia é uma constante, como apontam tanto Ribas (2022) quanto os entrevistados no artigo de Viana, Brusadin e Brusadin (2022). Além disso, permanece a dicotomia espacial: enquanto o centro histórico continua a receber a maior parte dos investimentos e do fluxo turístico, iniciativas como a Mina Du Veloso lutam por visibilidade e sustentabilidade, ainda que estrategicamente localizada na entrada da cidade.

A reconfiguração das antigas galerias de mineração como atrativos turísticos em Ouro Preto não se limita às iniciativas anteriormente discutidas. Além da Mina Du Veloso, da Chico Rei e do Palácio Velho, um conjunto mais amplo de espaços compõem essa paisagem patrimonial reativada, incluindo a Mina do Bijoca, a Mina do Jeje e a Mina Santa Rita. A abertura desses locais à visitação constitui-se, em grande medida, como uma intervenção direta da comunidade local, que, apropriando-se desses vestígios históricos, os transformou em fontes de renda e em pontos de contato com a história da cidade a partir de suas próprias perspectivas. No entanto, conforme atestado pela escassez de estudos acadêmicos específicos sobre cada uma dessas minas, tais empreendimentos emergiram e se desenvolveram com maior vigor na prática social e econômica do que no universo da produção museológica e museal. Sua existência é atestada principalmente por meios de divulgação turística, como o site da Prefeitura Municipal, e por sua integração aos circuitos operados pela Associação dos Guias de Turismo de Ouro Preto (AGTOP) e por guias autônomos.

A dinâmica de funcionamento dessas minas revela uma rede de cooperação característica do setor turístico local, envolvendo gestores dos atrativos, profissionais que atuam na condução das visitas e diferentes agentes ligados à atividade turística da cidade.

Esse ciclo gera oportunidades de trabalho e movimenta capital dentro da comunidade, configurando um circuito econômico paralelo e complementar ao turismo formal centralizado. Ribas (2022, p. 50), ao analisar a inserção da população negra nos espaços de lazer, já apontava para a importância do "empreendedorismo negro" e da produção de eventos culturais como ferramentas de geração de renda e ocupação nas periferias. A lógica que permeia a operação das minas periféricas dialoga com essa percepção, ainda que frequentemente marcada pela informalidade dos vínculos trabalhistas.

Diferentemente de modelos museológicos tradicionais, a experiência proporcionada pela Mina Du Veloso permite observar uma forma de comunicação baseada na imersão e na vivência sensorial, na qual o espaço físico atua como elemento narrativo central. Nesse contexto, a comunicação museológica se estabelece não apenas por meio de textos ou objetos expostos, mas também pela interação direta do visitante com o ambiente, permitindo a construção de uma compreensão mais crítica e afetiva da história. Tal abordagem aproxima-se das concepções contemporâneas de museologia, que defendem práticas comunicacionais mais participativas, capazes de promover o engajamento do público e a ressignificação das memórias históricas (Cury, 2012).

A produção historiográfica contemporânea permite observar que o contingente africano escravizado não se limitou ao fornecimento de força de trabalho motriz na economia mineradora colonial, mas atuou como vetor de complexos saberes intelectuais e tecnológicos. Conforme preconizam Anjos (2005), Araújo et al. (2014) e Gandolfi (2015), esses indivíduos detinham competências técnicas exógenas fundamentais para a prospecção geológica, identificação de veios auríferos, aplicação de sistemas de separação gravimétrica e domínio de processos metalúrgicos, os quais impulsionaram de forma decisiva a atividade extrativista nas Minas Gerais. Sob essa perspectiva analítica, a Mina do Veloso configura-se como um relevante dispositivo de memória, uma vez que sua proposta curatorial e interpretativa tensiona e amplia a compreensão acerca do protagonismo epistemológico e tecnológico africano na formação regional.

Ao preservar estruturas remanescentes da atividade mineradora, iniciativas como a Mina Du Veloso evidenciam o potencial dos espaços patrimoniais para promover novas formas de interpretação histórica. Ao articular patrimônio, turismo, memória e comunicação museológica, a Mina contribui para ampliar a visibilidade das contribuições africanas na formação de Ouro Preto, ao mesmo tempo em que permite observar os desafios envolvidos na construção de narrativas mais plurais e inclusivas. Nesse sentido, sua trajetória constitui um importante exemplo das transformações contemporâneas observadas no campo da museologia

e da patrimonialização, servindo como contraponto às narrativas tradicionalmente associadas aos grandes monumentos e instituições históricas da cidade.

Capítulo 3: Comunicação Museológica e Expografia: fundamentos teóricos

Este capítulo abarca o núcleo analítico da presente pesquisa, cujo escopo consiste em examinar os mecanismos de comunicação e representação da herança africana nos espaços museológicos investigados. Para tanto, assume-se o pressuposto de que as instituições museais transcendem a função de mera salvaguarda patrimonial, configurando-se como instâncias produtoras de discursos dedicadas à seleção, organização e difusão de exegeses específicas sobre o passado. Sob essa vertente metodológica, o exame das exposições, das diretrizes pedagógicas e das estratégias de mediação cultural desenvolvidas pelo Museu da Inconfidência e pela Mina do Veloso viabiliza a compreensão de como diferentes narrativas históricas são estruturadas, legitimadas e transmitidas ao público receptor.

A investigação concentra-se especialmente nos mecanismos de comunicação museológica e expográfica empregados por essas instituições, considerando que a disposição dos objetos, os recursos visuais, os textos interpretativos, os percursos de visita e as atividades educativas constituem elementos centrais na produção de sentidos sobre o patrimônio. Assim, a experiência do visitante é entendida não apenas como um processo de observação, mas como uma prática comunicacional capaz de influenciar percepções, memórias e formas de compreensão da história.

Dessa forma, antes da apresentação dos resultados obtidos durante o trabalho de campo, torna-se necessário discutir os fundamentos teóricos da comunicação museológica e da expografia, conceitos que oferecem o suporte analítico para a interpretação das exposições, das práticas educativas e das ações afirmativas observadas ao longo da pesquisa. A partir desse referencial, serão examinadas as estratégias utilizadas pelo Museu da Inconfidência e pela Mina Du Veloso para representar a presença africana na formação histórica de Ouro Preto, identificando aproximações, diferenças e limites presentes em suas narrativas institucionais.

3.1 Comunicação museológica e expografia: fundamentos teóricos

A comunicação museológica é um dos pilares fundamentais da atuação dos museus contemporâneos, uma vez que é por meio dela que os acervos, os patrimônios e as narrativas históricas tornam-se acessíveis ao público. Diferentemente das concepções tradicionais que compreendiam o museu como um espaço voltado exclusivamente à conservação de objetos, as abordagens atuais reconhecem essas instituições como ambientes de produção, mediação e circulação de significados. Nesse contexto, a comunicação museológica não pode ser

entendida como um processo linear de transmissão de informações, mas como uma prática dinâmica e relacional, na qual diferentes sujeitos participam ativamente da construção dos sentidos atribuídos ao patrimônio.

Nessa perspectiva, a dimensão educativa da comunicação museológica ultrapassa a simples transmissão de informações, assumindo um papel formativo na construção de conhecimentos e na problematização de narrativas historicamente consolidadas. Ao promover o contato entre diferentes experiências, memórias e patrimônios, os museus contribuem para ampliar o repertório crítico dos visitantes e favorecer processos de reconhecimento da diversidade cultural, especialmente quando incorporam perspectivas historicamente sub-representadas em suas exposições e ações educativas.

Conforme postula Cury (2012), a comunicação museológica constitui um processo dialógico de codificação e decodificação, no qual o visitante abdica de uma postura passiva perante os conteúdos dispostos. A recepção e a interpretação das exposições operam a partir das matrizes de experiência, dos referenciais socioculturais, dos conhecimentos prévios e das trajetórias idiossincráticas de cada sujeito. Desse modo, a produção de sentido no espaço expográfico não se encontra aprioristicamente determinada pela instituição curatorial, mas emerge da interrelação dinâmica entre o público receptor, a cultura material salvaguardada, a cenografia espacial e a narrativa museológica. A prática da visita configura-se, por conseguinte, como um fenômeno comunicacional complexo, caracterizado pela negociação permanente e contingente de significados.

Essa compreensão aproxima-se das contribuições de Hall (2016), para quem os processos de representação não consistem em simples reprodução da realidade, mas em práticas culturais por meio das quais significados são produzidos, compartilhados e disputados socialmente. Sob essa perspectiva, as exposições museológicas deixam de ser entendidas como espaços neutros de apresentação de objetos e passam a ser reconhecidas como construções discursivas que influenciam a forma como diferentes grupos sociais são percebidos, lembrados ou silenciados.

Nesse processo, a expografia assume papel central. Entendida como a materialização do discurso museológico no espaço expositivo, a expografia corresponde ao conjunto de estratégias responsáveis por organizar a comunicação entre a instituição e seus visitantes. Conforme destacam Desvallées e Mairesse (2013), a exposição constitui uma das principais linguagens do museu, uma vez que transforma conceitos, interpretações e conhecimentos em experiências visuais, espaciais e sensoriais. Assim, a disposição dos objetos, os percursos de visita, os textos interpretativos, os recursos audiovisuais, a iluminação e a ambientação

não representam apenas escolhas meramente técnicas ou estéticas, mas elementos que participam ativamente da construção da narrativa apresentada ao público.

A relação entre comunicação museológica e expografia torna-se particularmente relevante porque é por meio da exposição que grande parte das interpretações históricas produzidas pelos museus ganha materialidade. Ao selecionar determinados objetos, estabelecer conexões entre eles e organizar formas específicas de apresentação, os museus constroem leituras particulares sobre o passado. Diante dessa compreensão, toda escolha expográfica constitui também uma escolha comunicacional, capaz de valorizar determinados acontecimentos, sujeitos e memórias, ao mesmo tempo em que outros podem ser minimizados, silenciados ou relegados a posições secundárias.

Essa dimensão revela que os museus não são espaços neutros de preservação cultural. Como observa Chagas (2003), o museu constitui um campo de disputas simbólicas, no qual memórias são selecionadas, organizadas e legitimadas, enquanto outras permanecem invisibilizadas. Os processos de patrimonialização e exposição envolvem escolhas que refletem valores, interesses e perspectivas historicamente situadas. Consequentemente, a comunicação museológica ultrapassa a simples divulgação de informações, assumindo também uma dimensão política relacionada à produção de narrativas sobre o passado.

A conceituação das instituições museais como campos atravessados por assimetrias de poder converge com os constructos teóricos dos estudos decoloniais. Quijano (2005), ao formular o conceito de colonialidade do saber, indica como determinados regimes epistêmicos foram historicamente validados e institucionalizados em detrimento de outras matrizes cognitivas. Esse dispositivo produziu hierarquizações epistemológicas que universalizaram perspectivas eurocêtricas, concorrendo para a subalternização e o epistemicídio de saberes africanos, indígenas e populares. No domínio museológico, esses processos de dominação materializam-se tanto nos critérios de filtragem do patrimônio elegível à salvaguarda oficial quanto nas convenções expográficas por meio das quais diferentes segmentos sociais são representados ou invisibilizados nas exposições.

Diante desse cenário, a museologia decolonial propõe uma revisão crítica das práticas museológicas tradicionais, buscando ampliar a pluralidade de vozes presentes nos espaços de memória. Conforme destacam Cerávolo (2004) e Flores (2017), tanto a documentação quanto a exposição museológica podem ser compreendidas como formas de escrita da história. Assim, repensar a comunicação museológica implica questionar não apenas quais conteúdos são apresentados ao público, mas também quais perspectivas orientam sua construção e quais grupos sociais são contemplados ou excluídos dessas narrativas.

Essas reflexões dialogam diretamente com os princípios da Nova Museologia, movimento que passou a defender uma atuação socialmente comprometida dos museus. Conforme Varine (2013), o museu deve ser compreendido como uma instituição capaz de atuar na democratização do acesso ao conhecimento, na valorização da diversidade cultural e na promoção da participação comunitária. Nessa perspectiva, o patrimônio deixa de ser entendido exclusivamente como um conjunto de objetos preservados e passa a ser concebido como um processo social em permanente construção, envolvendo memória, identidade, pertencimento e participação coletiva.

Além da expografia, a mediação educativa desempenha papel fundamental na consolidação dos processos comunicacionais desenvolvidos pelos museus. A atuação de educadores, mediadores e demais profissionais responsáveis pelo contato direto com o público contribui para ampliar, problematizar e contextualizar os significados produzidos pelas exposições. Em termos teóricos, tais práticas aproximam-se dos princípios defendidos por Paulo Freire (1996), especialmente no que se refere à valorização do diálogo, da escuta e da construção compartilhada do conhecimento. Dessa forma, a mediação educativa amplia as possibilidades interpretativas oferecidas pela expografia, favorecendo experiências mais participativas e reflexivas.

No contexto de Ouro Preto, essas discussões assumem especial relevância. Trata-se de uma cidade cuja construção patrimonial esteve historicamente associada à valorização da arquitetura colonial, da mineração aurífera e da memória da Inconfidência Mineira, enquanto diversas contribuições africanas permaneceram por longos períodos em posições secundárias nas narrativas institucionais. Nesse cenário, analisar a comunicação museológica significa investigar como exposições, práticas educativas e estratégias de mediação participam da produção de sentidos sobre a história local, podendo tanto reforçar interpretações consolidadas quanto favorecer leituras mais inclusivas e críticas.

À luz desses referenciais teóricos, a presente pesquisa compreende a comunicação museológica como um processo de mediação cultural por meio do qual patrimônios, memórias e identidades são continuamente interpretados e negociados. Tal perspectiva orienta a análise do Museu da Inconfidência e da Mina Du Veloso, permitindo investigar de que maneira suas exposições, ações educativas e estratégias comunicacionais representam a presença africana na formação histórica de Ouro Preto. A partir dessa abordagem, busca-se identificar não apenas os conteúdos apresentados por essas instituições, mas também os mecanismos pelos quais determinadas narrativas são construídas, legitimadas e comunicadas ao público.

3.2 A Expografia como Linguagem Museológica

A análise da Mina Du Veloso como equipamento turístico e de lazer transcende sua condição física de galeria subterrânea. Seu significado mais profundo reside no processo de mediação que nela se desenvolve, intencionalmente construído para deslocar o olhar do visitante, seja ele turista ou morador, de uma visão meramente contemplativa para uma compreensão crítica e afirmativa do patrimônio.

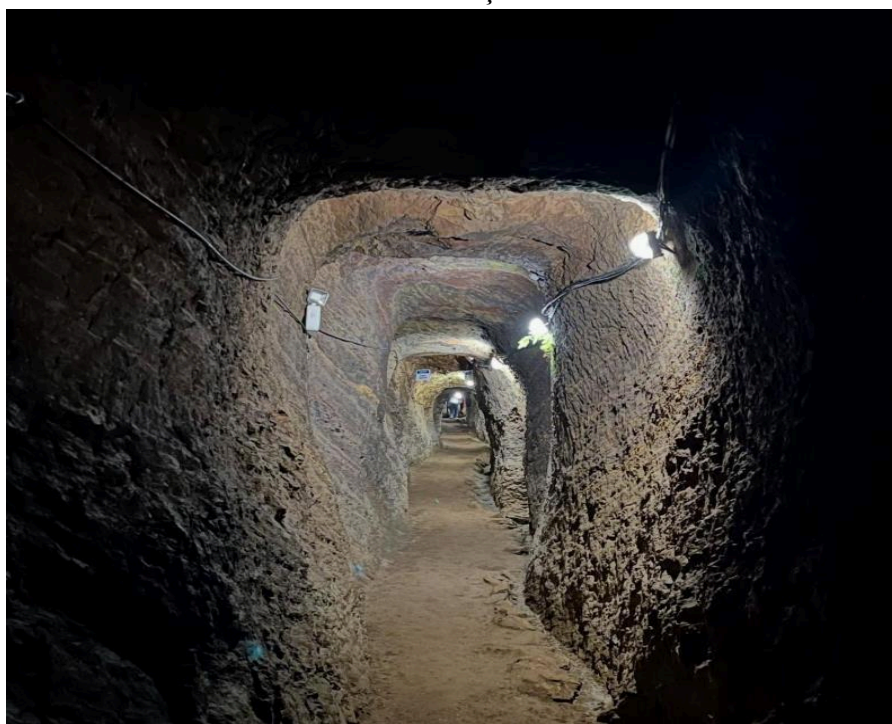
O processo de visitação na Mina Du Veloso se inicia no momento do acolhimento. A abordagem busca, desde o primeiro contato, estabelecer um vínculo que rompe com a dinâmica impessoal do turismo de massa. Como observa um dos entrevistados na pesquisa de Ribas (2022, p. 47), "e sempre teve essa preocupação de nós ao atendermos esses moradores e alunos, de dar a mesma explicação que dávamos para o turista para eles". Esta isonomia discursiva é um primeiro critério fundamental: a democratização do acesso ao conhecimento, tratando todos os visitantes como interlocutores dignos da mesma narrativa complexa.

A visita propriamente dita é conduzida por mediadores responsáveis por apresentar aos visitantes os aspectos históricos, culturais e patrimoniais relacionados à mineração colonial e à presença africana na região. Sob a perspectiva educativa, a mediação assume papel central na construção de sentidos, uma vez que estabelece a interlocução entre o patrimônio material da mina e as narrativas históricas mobilizadas ao longo do percurso. Nesse contexto, a figura do mediador ultrapassa a função de transmitir informações, atuando como agente de interpretação e problematização do passado. A partir dessa atuação, a experiência de visitação deixa de assumir caráter meramente contemplativo e passa a favorecer reflexões críticas sobre a formação histórica de Ouro Preto e sobre o protagonismo africano na constituição da riqueza produzida pela mineração.

O percurso físico pela galeria é estrategicamente utilizado como metáfora para uma jornada de reconhecimento. À medida que os visitantes adentram a escuridão do subsolo, iluminada pontualmente, são convidados a refletir sobre as condições desumanas do trabalho escravo (Figura 6). No entanto, a narrativa rapidamente transcende a abordagem que se limita ao sofrimento. O foco desloca-se para a engenhosidade técnica exigida pela extração aurífera em veios profundos. Através de explicações sobre a escolha do local de escavação, os métodos de sustentação dos túneis, a drenagem de água e a identificação do minério, os monitores materializam o conceito de inteligência africana. Como afirmam Viana, Brusadin e Brusadin (2022, p. 6), "a expertise que povos africanos tinham na mineração [...] foram

essenciais para que essas atividades desenvolvessem o Brasil". A galeria deixa de ser um "buraco na montanha" para se tornar a prova material de um conhecimento tecnológico específico e sofisticado.

Figura 6 – Foto de uma das galerias que interligam câmaras (salões) com pilares de sustentação



Fonte: Mina Du Veloso (2026)

Sob a perspectiva expográfica, o próprio espaço subterrâneo assume função comunicacional. Diferentemente das exposições convencionais, organizadas a partir de vitrines, painéis e objetos selecionados, a Mina Du Veloso utiliza a própria estrutura minerária como suporte narrativo. A estreiteza das galerias, a baixa luminosidade, a umidade característica do ambiente e a presença dos pilares de sustentação atuam como elementos que produzem sentidos e orientam a experiência do visitante. Nesse contexto, a expografia não se limita à disposição de objetos, mas manifesta-se na própria materialidade do espaço, transformando a Mina em um ambiente imersivo capaz de comunicar aspectos históricos, sociais e simbólicos da atividade mineradora. Conforme argumenta Cury (2012), a comunicação museológica ocorre também por meio das experiências proporcionadas pelo espaço expositivo, permitindo que o visitante construa interpretações a partir de sua interação direta com o patrimônio.

Essa estratégia de mediação aproxima-se da concepção de comunicação museológica defendida por Cury (2012), para quem o processo comunicacional nos museus não se

restringe à transmissão de informações, mas envolve a construção compartilhada de significados entre instituição, patrimônio e público. Nesse sentido, a Mina Du Veloso não apresenta a inteligência africana como um conteúdo previamente acabado, mas cria condições para que o visitante a reconheça a partir da observação direta dos vestígios materiais da mineração. A experiência vivenciada no interior da galeria transforma o patrimônio em evidência histórica, permitindo que a narrativa seja construída por meio da articulação entre espaço, memória e interpretação. Trata-se de um modelo comunicacional que privilegia a experiência sensorial e a participação do visitante, aproximando-se das proposições da Nova Museologia ao valorizar o território, a comunidade e os saberes historicamente marginalizados.

A mediação cultural desenvolvida na Mina do Veloso estrutura-se a partir de um conjunto de vetores inter-relacionados que operam para consolidar uma hermenêutica afrodiaspórica de interpretação patrimonial. Entre esses critérios, destaca-se o esforço analítico de deslocar o contingente negro da condição ontológica exclusiva de "escravizado" (categoria estritamente jurídica associada à sujeição compulsória) para reposicioná-lo como sujeito histórico pleno, detentor de agência, saberes tecnológicos e repertórios de resistência. Nesse sentido, o discurso expositivo prioriza as práticas, os conhecimentos e as estratégias engendradas pelas populações africanas e seus descendentes, cancelando-os como atores dinâmicos da estruturação socioeconômica regional. Por conseguinte, a narrativa comunicada ao público receptor transcende a abordagem unidimensional da violência inerente ao sistema escravista, passando a evidenciar o protagonismo epistêmico e a contribuição civilizatória desses sujeitos.

Essa mudança terminológica não constitui mero ajuste vocabular, mas uma estratégia interpretativa que altera profundamente a compreensão histórica do visitante. Ao substituir categorias que reduzem indivíduos à condição de mão de obra por expressões que evidenciam conhecimentos, experiências e formas de atuação social, a narrativa aproxima-se das perspectivas decoloniais que questionam os processos históricos de invisibilização das contribuições africanas. Sob essa ótica, a mediação busca evidenciar sujeitos históricos dotados de agência, saberes técnicos e capacidade de intervenção na realidade social em que estavam inseridos.

A narrativa evita o termo genérico "africano" para especificar a origem do conhecimento. São destacadas as regiões da Costa da Mina, especialmente o território do antigo Reino do Gana, onde a mineração aurífera era atividade secular. Este critério, amparado pela historiografia como cita Viana, Brusadin e Brusadin (2022, p. 7), serve para

combater a visão de uma África homogênea e acrítica, que mostra a diversidade de povos e a sofisticação de impérios que detinham domínio tecnológico.

Essa opção narrativa possui implicações que ultrapassam a mera precisão histórica. Ao identificar origens geográficas, tradições minerárias e contextos culturais específicos, a mediação rompe com representações homogêneas da África frequentemente reproduzidas nos discursos patrimoniais. Segundo a perspectiva dos estudos decoloniais, a homogeneização dos povos africanos constitui uma das estratégias históricas de apagamento de suas contribuições intelectuais e tecnológicas. Nesse sentido, a contextualização das origens desses conhecimentos permite reconhecer a diversidade de experiências africanas e contribui para a construção de uma narrativa patrimonial mais complexa e historicamente fundamentada.

A inteligência africana é apresentada como elemento constitutivo da própria paisagem ouro-pretana. Estruturas como os muros de pedra seca (apiários), os aquedutos e os tanques de decantação (mundéus), ainda presentes em diferentes áreas da cidade, são interpretadas como evidências materiais de um sistema técnico historicamente associado aos conhecimentos empregados na mineração colonial. Dessa forma, a galeria subterrânea não é compreendida de maneira isolada, mas articulada ao território que a circunda, permitindo ao visitante perceber a continuidade entre o espaço minerário e a paisagem contemporânea. Tal abordagem favorece uma leitura integrada do patrimônio, na qual os vestígios materiais da mineração passam a ser reconhecidos como expressões concretas de saberes historicamente invisibilizados.

O discurso educativo incorpora, ainda, relatos da tradição oral e depoimentos de moradores mais antigos do bairro Veloso, que cresceram em contato com as antigas estruturas minerárias da região. Como relata a historiadora Sidnéa Santos, “o tempo todo a gente cresceu com essa memória” (Santos, 2021 *apud* Viana, Brusadin e Brusadin, 2022, p. 11). A valorização dessas narrativas amplia as possibilidades de interpretação do patrimônio ao reconhecer formas de conhecimento transmitidas para além dos registros escritos. Nesse sentido, a experiência e a memória da comunidade passam a integrar a construção da narrativa histórica, contribuindo para o reconhecimento de grupos sociais que tradicionalmente permaneceram à margem dos discursos patrimoniais oficiais.

A incorporação dessas memórias comunitárias amplia o conceito tradicional de patrimônio ao reconhecer que a preservação não se limita aos objetos e edificações, mas envolve também narrativas, experiências e formas de conhecimento transmitidas entre gerações. Conforme argumenta Chagas (2003), os museus participam ativamente da construção dos significados atribuídos ao patrimônio, influenciando as formas pelas quais diferentes grupos sociais são representados, reconhecidos e interpretados pela sociedade. Ao

inserir relatos da tradição oral e experiências dos moradores na construção da narrativa interpretativa, a Mina Du Veloso tensiona essa lógica seletiva e contribui para a valorização de memórias historicamente marginalizadas. A experiência museológica deixa de estar centrada exclusivamente na autoridade institucional e passa a reconhecer a comunidade como produtora legítima de conhecimento histórico.

Por fim, a narrativa procura sempre ligar o conhecimento técnico aplicado na mineração a uma contribuição mais ampla para a formação socioeconômica do Brasil. Enfatiza-se que a riqueza que edificou as igrejas barrocas do centro, que financiou a Coroa Portuguesa e que estruturou a economia da colônia foi gerada por esse conhecimento. Dessa forma, o povo africano escravizado é reposicionado como agente central na construção material da nação. Desse modo, a mineração deixa de ser interpretada apenas como atividade econômica e passa a ser compreendida também como espaço de circulação, aplicação e produção de conhecimentos.

O impacto educativo (Figura 7) desse processo não se restringe aos visitantes externos. Para os próprios mediadores e para a comunidade do entorno, a prática diária de conduzir essa narrativa opera um poderoso mecanismo de empoderamento e reconstrução identitária. Ribas (2022, p. 54) identifica que as ações da Mina trabalham "questões como a autoestima, ponto importante quando se analisa as vivências da população negra e o sentimento de pertencimento ao local". Ao dominarem e transmitirem uma história que valoriza a trajetória histórica das populações africanas e afrodescendentes, esses jovens e adultos negros ressignificam sua própria relação com a cidade. A mediação, portanto, é uma prática bidirecional de educação: educa o visitante sobre o passado, e, educa o mediador sobre seu próprio valor e lugar na história.

Figura 7 - Atividade educativa/ mediação realizada na Mina Du Veloso



Fonte: Diaspora Black (2023)

Essa dimensão aproxima-se dos princípios defendidos pela Nova Museologia, especialmente da compreensão do museu como instrumento de desenvolvimento social e fortalecimento comunitário. Nessa perspectiva, o processo educativo não se limita à transmissão de conteúdos históricos, mas envolve a produção de vínculos identitários e o reconhecimento de grupos sociais historicamente marginalizados, ampliando as possibilidades de participação da comunidade na construção dos significados atribuídos ao patrimônio.

A visitação na Mina Du Veloso configura-se, assim, como um dispositivo pedagógico e museológico cuidadosamente estruturado. Longe de ser uma simples apresentação de fatos, é uma experiência orientada por critérios claros que visam desconstruir uma historiografia racista e construir, em seu lugar, uma narrativa afrocentrada e afirmativa. Através da centralidade da agência negra, da contextualização geopolítica do saber, da conexão com o território e do uso de múltiplas fontes, o processo educativo da Mina concretiza o conceito de inteligência africana, transformando-o de abstração acadêmica em evidência palpável e narrável.

Sob essa perspectiva, a Mina Du Veloso pode ser compreendida não apenas como um espaço de visitação patrimonial, mas como um território de comunicação museológica, no qual patrimônio, memória, identidade e educação se articulam na produção de novos sentidos sobre o passado. Ao deslocar o foco narrativo da exploração mineral para os sujeitos que detinham os conhecimentos necessários para sua realização, a mina promove uma releitura crítica da história local e questiona modelos tradicionais de representação da população negra. Tal processo não elimina as tensões e limitações presentes na patrimonialização contemporânea, mas permite observar o potencial dos espaços musealizados para atuar como instrumentos de revisão histórica, fortalecimento identitário e democratização do conhecimento.

3.3 A Representação da Presença Africana no Museu da Inconfidência

A análise da Mina Du Veloso como espaço de uma narrativa afrocentrada ativa e pedagógica revela, por contraste, a persistência de um silêncio estrutural em outras instituições patrimoniais de Ouro Preto. Neste sentido, estabelecer um diálogo crítico com o Museu da Inconfidência, instituição da musealização da história mineira, torna-se fundamental para compreender os diferentes regimes de memória em operação na cidade. Enquanto a Mina se constrói a partir da ausência, preenchendo uma lacuna narrativa com uma mediação viva, o Museu da Inconfidência opera a partir de uma presença monumental, cujo

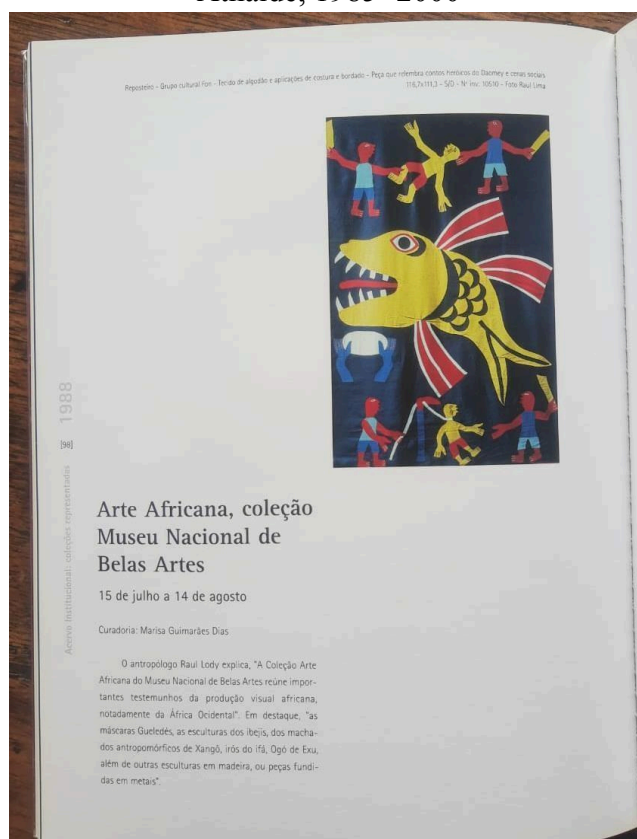
acervo e discurso expositivo tradicional consolidaram, por décadas, uma determinada leitura do passado. Analisar como essa instituição tem abordado, ou não, a "inteligência africana" para além da condição escrava é analisar a própria evolução (e as resistências) da consciência patrimonial brasileira.

O Museu da Inconfidência, desde sua fundação, estruturou sua narrativa em torno do eixo duplo da Inconfidência Mineira e da arte e vida colonial luso-brasileira. Nesse enquadramento, a presença negra foi historicamente circunscrita a um papel subsidiário e anônimo, representada por instrumentos de suplício (como algemas e gargalheiras) ou inserida de forma genérica em cenas de cotidiano. A agência histórica e, sobretudo, a dimensão intelectual e cultural dos povos africanos e afro-brasileiros permaneceram à margem do discurso museal hegemônico.

Uma revisão do catálogo de exposições realizadas no espaço atualmente denominado Sala Manoel da Costa Athaíde, entre 1985 e 2000, confirma essa tendência. Em meio a mostras voltadas ao mobiliário, à ourivesaria, à pintura sacra e a personagens associados às elites coloniais, destaca-se uma exceção significativa. Conforme registrado no catálogo de exposições do Museu da Inconfidência, a mostra Arte Africana foi realizada entre 15 de julho e 14 de agosto de 1988. O catálogo registra, na página 98, a presença de “máscaras Gueledés, esculturas dos ibejis, machados antropomórficos de Xangô, irós do ifá, Ogó de Exu, além de outras esculturas em madeira e peças fundidas em metais” (Figura 8).

Embora apresentada sob uma perspectiva predominantemente estética e etnográfica, a exposição representou uma iniciativa relevante de inserção da temática africana no espaço museal. Ao reunir objetos sagrados e artísticos de matriz iorubá, a mostra evidenciava a existência de tradições culturais, religiosas e artísticas complexas, contribuindo para tensionar representações frequentemente marcadas pela invisibilização das contribuições africanas. No entanto, seu alcance permaneceu limitado. A exposição ocorreu de forma temporária e não foi acompanhada, naquele momento, pela incorporação permanente dessas discussões à narrativa institucional do Museu. Dessa forma, apesar de seu caráter inovador, a mostra permaneceu relativamente isolada, sem resultar na constituição de um núcleo expositivo voltado às contribuições africanas e afro-brasileiras para a formação histórica e cultural de Minas Gerais.

Figura 8 – Exposição Arte Africana no Museu da Inconfidência. Livro: Sala Manoel da Costa Athaíde, 1985- 2000



Fonte: Autor (2026)

A Figura (8) acima apresenta um registro da exposição Arte Africana realizada no Museu da Inconfidência em 1988. Embora tenha ocorrido de forma temporária, a mostra constitui um marco relevante para a compreensão das primeiras iniciativas de inserção da temática africana no espaço museal, ainda que sem produzir, naquele momento, mudanças estruturais permanentes na narrativa expositiva da Instituição. A análise desse episódio evidencia que iniciativas de inserção da temática africana já estavam presentes no Museu desde o final da década de 1980, ainda que de forma pontual e sem repercussões estruturais imediatas sobre sua narrativa institucional.

A lentidão na transformação desse panorama começou a encontrar um ponto de viragem mais substantivo apenas recentemente. Em 5 de julho de 2025, o Museu da Inconfidência inaugurou a Sala Afro-brasilidades, um espaço expositivo permanente dedicado especificamente à cultura e história afro-brasileiras. Esta iniciativa representa um salto qualitativo em relação à exposição temporária de 1988. A sala não se limita a exibir arte africana canônica; ela se volta para a produção brasileira, abrigando a coleção do artista e pesquisador Tadeu Bandeira, além de obras de outros nomes como Célio de Faria e José

Valentim Rosa.

A criação deste núcleo permanente sinaliza um reconhecimento institucional da necessidade de corrigir uma omissão histórica. A Sala Afro-brasilidades desloca a atenção de representações centradas exclusivamente em artefatos africanos para manifestações culturais, artísticas e identitárias produzidas no contexto brasileiro a partir da diáspora africana. Tal mudança permite conectar a herança cultural africana diretamente à formação da sociedade mineira e brasileira, sugerindo, ainda que de forma inicial, uma narrativa de contribuição e continuidade.

A criação da Sala Afro-brasilidades pode ser analisada não apenas como uma mudança temática, mas também como uma transformação nos processos de comunicação museológica e de construção expográfica do Museu da Inconfidência. Conforme argumenta Cury (2012), a comunicação nos museus ocorre por meio da articulação entre objetos, textos, imagens, percursos e estratégias interpretativas que orientam a produção de sentidos pelo público. Nesse contexto, a incorporação de um espaço permanente dedicado às afro-brasilidades representa uma ampliação das possibilidades narrativas da instituição, permitindo que grupos e experiências historicamente pouco representados passem a ocupar maior visibilidade no circuito expositivo. A expografia, entendida como a materialização espacial do discurso museológico (Desvallées; Mairesse, 2013), assume papel central nesse processo, uma vez que a seleção dos objetos, sua disposição no ambiente e os textos interpretativos influenciam diretamente a forma como a presença africana é percebida e compreendida pelos visitantes.

Sob essa perspectiva, a própria seleção dos objetos expostos, das obras artísticas incorporadas ao circuito e dos textos curatoriais produzidos para sua interpretação constitui uma forma de construção narrativa. Conforme observa Chagas (2003), os museus não apenas preservam memórias, mas também participam ativamente da definição daquilo que será socialmente reconhecido como patrimônio. Assim, a criação da Sala Afro-brasilidades pode ser compreendida como uma ampliação dos repertórios simbólicos tradicionalmente associados ao Museu da Inconfidência, permitindo a incorporação de sujeitos, experiências e produções culturais historicamente pouco visibilizados em sua narrativa institucional.

A partir dessa perspectiva, observa-se que a principal diferença entre o Museu da Inconfidência e a Mina Du Veloso não reside apenas nos conteúdos apresentados, mas também nos modos de comunicação adotados. Enquanto a Mina Du Veloso constrói sua narrativa por meio da experiência imersiva e da interação direta com o território minerário, o Museu da Inconfidência estrutura sua comunicação principalmente por recursos expográficos institucionalizados, nos quais o acervo musealizado, articulado aos textos curatoriais, orienta

a interpretação do passado. Em ambos os casos, contudo, a comunicação museológica atua como mecanismo de seleção, organização e atribuição de sentidos às memórias que se pretende preservar e comunicar.

A criação da Sala Afro-brasilidades representa um marco no processo de ampliação das narrativas historicamente presentes no Museu da Inconfidência. Ainda que seus impactos educativos e museológicos demandem análises futuras mais aprofundadas, sua institucionalização como espaço permanente evidencia mudanças nas formas de representação da presença africana e afro-brasileira dentro de uma instituição tradicionalmente associada à memória da Inconfidência Mineira e da formação colonial de Minas Gerais. A Figura 9 apresenta uma vista da Sala Afro-brasilidades, inaugurada em 2025 no Museu da Inconfidência.

Figura 9 – Inauguração sala Afro-brasilidades no Museu da Inconfidência



Fonte: Museu da Inconfidência (2025)

A trajetória observada entre a exposição temporária Arte Africana, realizada em 1988, e a criação da Sala Afro-brasilidades, em 2025, evidencia mudanças graduais nas formas de inserção da temática africana e afro-brasileira no Museu da Inconfidência. Embora tais iniciativas não eliminem os debates acerca dos limites da representação da população negra nos espaços patrimoniais, elas permitem identificar transformações importantes na construção das narrativas museológicas da instituição. Nesse contexto, a comparação com a Mina Du

Veloso torna-se particularmente relevante, uma vez que possibilita observar como diferentes espaços patrimoniais mobilizam estratégias comunicacionais, expográficas e educativas distintas para representar a presença africana na história de Ouro Preto.

3.4 Comparação entre as estratégias de comunicação museológica do Museu da Inconfidência e da Mina Du Veloso

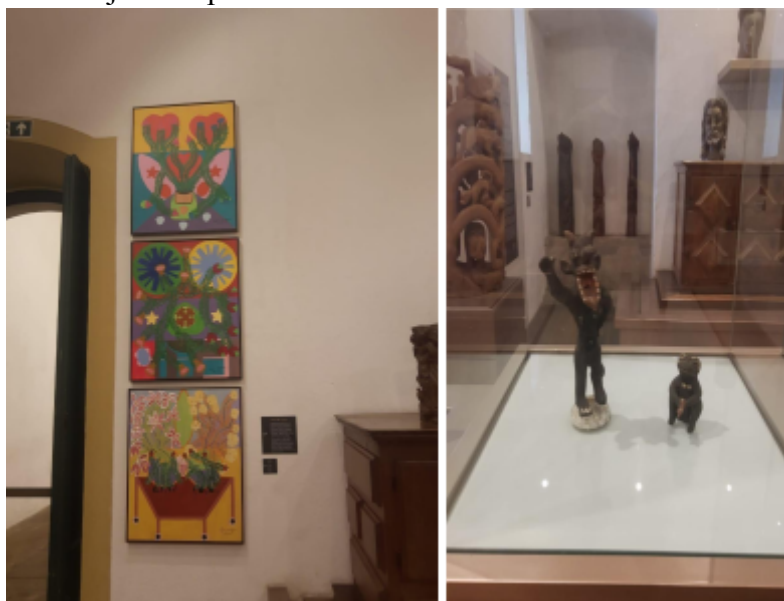
A comparação desenvolvida neste capítulo não tem como finalidade estabelecer uma hierarquia entre o Museu da Inconfidência e a Mina Du Veloso, uma vez que se trata de instituições com características, acervos, trajetórias e propostas museológicas distintas. A análise foi conduzida a partir de critérios comuns (comunicação museológica, estratégias expográficas, ações educativas e formas de representação da presença africana) buscando compreender como cada instituição, dentro de suas especificidades, constrói narrativas sobre a formação histórica de Ouro Preto. Assim, as diferenças identificadas são interpretadas como expressões de projetos museológicos diversos, e não como indicadores de superioridade ou insuficiência institucional. Colocados lado a lado, o Museu da Inconfidência (com sua nova sala) e a Mina Du Veloso oferecem dois modelos distintos, porém complementares, de abordar a inteligência africana e a narrativa afrodiaspórica.

Museografia e Discurso:

Museu da Inconfidência: Sua comunicação museológica está fundamentada, predominantemente, na relação entre objeto, expografia e interpretação curatorial. Conforme discutem Cury (2012); Desvallées e Mairesse (2013), os objetos musealizados, os textos expositivos e a organização espacial constituem elementos centrais na produção de sentidos pelo visitante. Nesse contexto, a Sala Afro-brasilidades amplia o repertório temático tradicionalmente associado ao Museu ao incorporar obras e produções culturais vinculadas às experiências afro-brasileiras. Trata-se de uma estratégia comunicacional baseada na exposição e na interpretação dos objetos, cuja narrativa é construída por meio da curadoria, da seleção do acervo e da organização expográfica do espaço.

A Figura 10 exemplifica essa estratégia expositiva ao apresentar obras e objetos integrantes da Sala Afro-brasilidades, evidenciando como a organização espacial e a seleção do acervo atuam na construção de novas possibilidades de representação da presença africana e afro-brasileira no circuito museológico.

Figura 10 - Obras e objetos expostos na Sala Afro-brasilidades do Museu da Inconfidência



Fonte: Autor (2026)

As imagens apresentadas evidenciam a utilização de recursos expográficos voltados à valorização de produções artísticas e culturais associadas às matrizes africanas e afro-brasileiras. Mais do que a simples exposição de objetos, observa-se a construção de uma narrativa visual que busca ampliar as formas de representação da presença africana no espaço museal, reforçando o papel da expografia como elemento fundamental da comunicação museológica.

Embora utilize predominantemente recursos expográficos e curatoriais, o Museu da Inconfidência não limita sua comunicação museológica à exposição de objetos. A reorganização recente de parte de seu percurso expositivo, especialmente com a implantação da Sala Afro-brasilidades, evidencia um movimento institucional de ampliação das narrativas históricas tradicionalmente apresentadas ao público. Ainda que esse processo esteja em desenvolvimento, ele demonstra o esforço da instituição em incorporar novas perspectivas interpretativas, favorecendo leituras mais plurais sobre a formação histórica e cultural de Ouro Preto.

Mina Du Veloso: Opera no registro da experiência e da narrativa oral. Seu "acervo" é o espaço geológico e a memória corpórea do lugar. A museografia é imersiva e sensorial (escuridão, umidade, texturas da rocha). A narrativa é construída durante a mediação realizada pelos condutores da visita, que articulam os elementos físicos da Mina aos aspectos históricos, culturais e identitários associados ao espaço. É um discurso construído no ato relacional da visita, tornando a inteligência africana uma explicação viva para a existência daquele espaço. É uma narrativa de ressignificação *in loco*.

Diferentemente do Museu da Inconfidência, cuja comunicação se organiza prioritariamente por meio da curadoria e da expografia, a Mina Du Veloso desenvolve sua proposta interpretativa a partir da experiência direta do visitante com o espaço patrimonial. Essa diferença, contudo, não estabelece uma relação hierárquica entre as instituições, mas evidencia formas distintas de mediação cultural, condicionadas pelas características de seus acervos, de seus espaços e de seus objetivos museológicos.

Como pode ser observado nas Figuras 6 e 7, a própria estrutura subterrânea da Mina integra o discurso interpretativo do espaço. A escuridão, a umidade, os pilares de sustentação e a configuração dos túneis não funcionam apenas como elementos físicos da visita, mas como componentes da narrativa construída durante a mediação. Nesse sentido, o patrimônio não é apresentado exclusivamente por meio da representação de objetos, mas pela experiência direta com o ambiente histórico, característica que aproxima a Mina Du Veloso das concepções contemporâneas de comunicação museológica centradas na experiência e na participação do visitante.

Projeto Educativo:

Museu da Inconfidência: O setor educativo constitui uma dimensão importante da atuação museológica contemporânea. Entretanto, considerando os limites metodológicos e logísticos desta pesquisa, não foi realizada observação direta das atividades educativas desenvolvidas pela instituição. Dessa forma, a análise concentra-se nos elementos comunicacionais e expográficos observados nos espaços expositivos e nos documentos consultados. Ainda assim, a criação da Sala Afro-brasilidades amplia as possibilidades de abordagem da temática afro-brasileira nas ações educativas desenvolvidas pelo Museu. Estudos recentes sobre o Setor Educativo do Museu da Inconfidência indicam que ele passa por um processo de reorganização e atualização de suas práticas, aspecto que evidencia a continuidade das ações educativas da Instituição. No entanto, a presente pesquisa não teve como objetivo analisar essas práticas na atualidade nem sua relação com as exposições mais recentes (Santo, 2026).

Mina Du Veloso: As ações educativas desenvolvidas pela Mina caracterizam-se pelo diálogo entre patrimônio, memória e identidade. O projeto educativo está diretamente associado à sua proposta de valorização da história e das contribuições africanas para a formação de Ouro Preto. Como evidenciado por Ribas (2022), a Mina recebe escolas públicas e desenvolve atividades voltadas ao fortalecimento da autoestima e do sentimento de

pertencimento da população negra local.

A análise comparativa evidencia que o Museu da Inconfidência e a Mina Du Veloso desenvolvem estratégias de comunicação museológica distintas, coerentes com suas trajetórias institucionais, seus acervos e suas propostas de mediação. Enquanto o Museu da Inconfidência estrutura sua narrativa predominantemente por meio da curadoria, da expografia e da interpretação dos objetos musealizados, a Mina Du Veloso fundamenta sua comunicação na experiência territorial, na oralidade e na interação direta com o espaço histórico. Essas diferenças não configuram modelos concorrentes, mas formas complementares de produzir sentidos sobre a presença africana na formação de Ouro Preto. Em conjunto, as duas instituições ampliam as possibilidades de representação desse patrimônio, evidenciando que diferentes estratégias museológicas podem contribuir para tornar mais visíveis narrativas historicamente pouco valorizadas.

Considerações finais

A presente pesquisa teve como objetivo analisar de que maneira o Museu da Inconfidência e a Mina Du Veloso comunicam e representam a presença africana na história de Ouro Preto, buscando compreender como diferentes estratégias museológicas, expográficas e educativas influenciam a construção das narrativas patrimoniais sobre a população negra. Ao longo do estudo, constatou-se que a representação da presença africana nos espaços patrimoniais da cidade resulta de disputas simbólicas, escolhas institucionais e transformações históricas. Trata-se de um processo dinâmico, marcado por diferentes concepções de memória, patrimônio e identidade.

A análise do processo de patrimonialização de Ouro Preto demonstrou que a consolidação da cidade como patrimônio nacional e mundial esteve historicamente associada à valorização de seu conjunto arquitetônico colonial e de narrativas vinculadas à Inconfidência Mineira. Embora tais processos tenham sido fundamentais para a preservação de importantes referências históricas, acabaram contribuindo para a construção de uma memória oficial que, durante décadas, privilegiou determinados sujeitos e experiências em detrimento de outras. Nesse contexto, as contribuições africanas e afro-brasileiras permaneceram frequentemente relegadas a posições secundárias, apesar de sua importância para a formação econômica, social e cultural da região.

A investigação realizada junto ao Museu da Inconfidência permitiu identificar mudanças graduais nesse panorama. A análise histórica das exposições revelou que a temática africana esteve presente de forma pontual em diferentes momentos, mas sem ocupar posição central na narrativa institucional. A criação da Sala Afro-brasilidades, inaugurada em 2025, representa um marco importante nesse processo ao ampliar a visibilidade de manifestações artísticas e culturais afro-brasileiras dentro de uma instituição tradicionalmente associada à memória da Inconfidência Mineira. Ainda que os impactos dessa iniciativa demandem avaliações futuras mais aprofundadas, sua institucionalização revela um movimento de revisão das formas de representação da presença africana no espaço museal.

Por sua vez, a análise da Mina Du Veloso evidenciou uma proposta comunicacional distinta, fundamentada na experiência territorial, na oralidade, na valorização das memórias comunitárias e na centralidade dos conhecimentos africanos associados à mineração colonial. Diferentemente das abordagens baseadas prioritariamente na exposição de objetos, a mina utiliza o próprio espaço histórico como elemento narrativo, articulando patrimônio material, memória coletiva e experiências sensoriais. Nesse processo, os conhecimentos africanos

deixam de ocupar um lugar periférico na narrativa histórica para assumir posição central na interpretação das estruturas minerárias e da formação econômica de Ouro Preto. Essa proposta comunicacional, entretanto, não invalida outras formas de mediação museológica, mas evidencia como diferentes estratégias podem contribuir para ampliar a compreensão da participação africana na formação histórica da cidade.

A comparação entre os dois espaços permitiu compreender que a comunicação museológica pode assumir diferentes formas de construção e transmissão de sentidos. Enquanto o Museu da Inconfidência opera predominantemente por meio da expografia, da curadoria e da interpretação dos objetos musealizados, a Mina Du Veloso fundamenta sua comunicação na experiência direta com o território, na mediação cultural e na valorização das narrativas comunitárias. Longe de estabelecer uma oposição, essas diferenças revelam estratégias complementares que evidenciam a pluralidade de possibilidades existentes para a construção de narrativas patrimoniais mais inclusivas.

Entre as principais contribuições desta pesquisa destaca-se a possibilidade de ampliar a compreensão sobre a presença africana em Ouro Preto para além das experiências de escravidão, embora estas constituam parte fundamental dessa história. Os resultados obtidos indicam a importância de reconhecer também os conhecimentos técnicos, as práticas culturais, as formas de organização social e as contribuições intelectuais africanas que participaram da construção material e simbólica da cidade. Nesse cenário, discutir inteligência africana significa ampliar o olhar sobre a formação histórica brasileira e contribuir para o questionamento de interpretações que, por longo período, reduziram a população negra à condição de mão de obra, invisibilizando seu protagonismo histórico.

Como limitação da pesquisa, destaca-se a predominância da análise documental e bibliográfica, complementada por observações pontuais realizadas nos espaços estudados. Embora essa abordagem tenha permitido alcançar os objetivos propostos, investigações futuras poderão aprofundar a compreensão das experiências dos visitantes, dos processos educativos e das práticas de mediação por meio de entrevistas, observações sistemáticas e estudos de recepção. Da mesma forma, pesquisas posteriores poderão acompanhar os impactos da Sala Afro-brasilidades ao longo do tempo, avaliando suas contribuições para a comunicação museológica e para a representação das populações afro-brasileiras no Museu da Inconfidência.

Os resultados obtidos permitem afirmar que os debates sobre patrimônio, memória e comunicação museológica ultrapassam a simples preservação de objetos, edifícios ou sítios históricos. Eles envolvem escolhas sobre quais histórias serão contadas, quais sujeitos serão

reconhecidos e quais experiências serão legitimadas como parte da memória coletiva. Ao analisar o Museu da Inconfidência e a Mina Du Veloso, esta pesquisa evidenciou que a construção de narrativas patrimoniais mais plurais depende tanto da inclusão de novos conteúdos quanto da revisão crítica dos modos pelos quais o passado é comunicado e interpretado. Nesse processo, reconhecer a centralidade das contribuições africanas para a formação de Ouro Preto representa um exercício de reparação histórica e, ao mesmo tempo, uma condição fundamental para a construção de uma compreensão mais ampla, complexa e democrática do patrimônio cultural brasileiro.

Mais do que estabelecer modelos hierarquizados de comunicação museológica, esta pesquisa procurou evidenciar que diferentes instituições patrimoniais, a partir de suas especificidades, podem contribuir de maneira complementar para a construção de narrativas históricas mais plurais, inclusivas e socialmente representativas.

Referências

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Técnicas Africanas de Mineração no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

ARAUJO, Cauê Donato Silva; LAIA, Paulo Otávio; OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures de; OLIVEIRA, Luciane Monteiro. Perspectivas arqueológicas e museológicas do Parque Estadual do Pico do Itacolomi e do Parque Arqueológico do Morro da Queimada – Ouro Preto (MG). **Revista Confluências Culturais**, v. 3, n. 2, p. 33-45, 2014.

BRASIL. Lei n.º 11.906, de 20 de janeiro de 2009. Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 jan. 2009.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da Arqueologia: caminhos percorridos. **Revista de Arqueologia**, v. 26, n. 2, p. 4–15, 2014.

CERÁVOLO, Suely Moraes. **Da palavra ao termo: um caminho para compreender museologia**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2015.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 19, n. 19, p. 35-67, 2003.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2012.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (org.). **Conceitos-chave de museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

FLORES, Joana. **Mulheres negras e museus de curadoria: do silêncio à afirmação**. Salvador: Editora Sagga, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. *(Duplicada removida)*

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FURTADO, Júnia Ferreira. **O livro da capa verde: o regimento diamantino de 1771 e a vida no Distrito Diamantino no período da Real Extração**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

GANDOLFI, Ana. **Arqueologia da mineração africana no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2015.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de Quilombolas: Mocambos e comunidades de**

senzalas no Rio de Janeiro – século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LODY, Raul. **O povo de santo: religião, história e cultura dos candomblés**. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HEINZ, Flávio M. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

ICOM. **Mesa-redonda de Santiago do Chile, 1972**. In: ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos*. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. p. 9–26.

MARTINS, Lúcia; MOITA, Maria. **Saberes africanos e colonialidade do poder**. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

OLIVEIRA, Maria Alice Ciocca de; GRANATO, Marcus. **Adaptação do método prosopográfico para construção de trajetórias de coleções de objetos**. In: *Anais do Museu Paulista*

PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2002.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RIBAS, Rayara Ferreira. **A população negra e os espaços de lazer em Ouro Preto: a Mina Du Veloso como equipamento de lazer, turismo e narrativas afrodiaspóricas**. 2022. Dissertação (Mestrado em Turismo e Patrimônio) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.

SANTO, Milla Silva do Espírito. **A Mediação nos Museus Históricos e Sua Relevância para o Público Infantojuvenil: Estudo do Setor Educativo do Museu da Inconfidência** (2018 2019). 51p. 2026. Monografia (graduação em Museologia), Universidade Federal de Ouro Preto, Escola de Direito, Turismo E Museologia, Departamento de Museologia, Ouro Preto, 2026.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora / Piseagrama, 2023.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Museu e educação: conceitos e métodos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOUZA, Laura de Mello e. **Desclassificados do Ouro: A pobreza mineira no século XVIII**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

STONE, Lawrence. **Prosopografia**. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**.

Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

VIANA, Luiz Cláudio Alves; BRUSADIN, Leandro B.; BRUSADIN, Lia Sipaúba Proença. Inteligência africana presente nas estruturas remanescentes da mineração setecentista de Ouro Preto (MG): uma interface entre história, patrimônio e turismo. **Labor e Engenho**, v. 16, p. e022018, 2022.